



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Para Além da Escolha: Desafios na Obrigatoriedade da Escolha de um Curso no Ensino Secundário em Portugal

Beatriz Alexandra Moreira Mateus

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:

Doutora Teresa Seabra

Professora Associada (com
Agregação)

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2024



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Para Além da Escolha: Desafios na Obrigatoriedade da
Escolha de um Curso no Ensino Secundário em Portugal

Beatriz Alexandra Moreira Mateus

Mestrado em Educação e Sociedade

Orientadora:
Doutora Teresa Seabra
Professora Associada (com
Agregação)
ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Setembro, 2024

Agradecimentos

Ao olhar para trás e refletir sobre esta etapa da minha vida, não consigo deixar de sentir uma profunda gratidão. Gratidão por todos os momentos, por cada desafio superado, por cada conquista celebrada e, sobretudo, pelas pessoas e experiências que tornaram este percurso tão especial. O ISCTE foi muito mais do que um mestrado para mim: foi um espaço, onde os meus sonhos ganharam forma, onde aprendi, cresci e me transformei. Não foi apenas uma experiência académica, mas uma jornada de vida, repleta de significados e memórias que irei levar comigo para sempre.

Obrigada ISCTE, por me proporcionares uma experiência que superou as minhas expectativas e que transcedeu qualquer sonho que eu pudesse ter antes de aqui chegar. Desde o primeiro momento em que pisei os teus corredores senti que fazia parte de algo maior, algo que se alimentava da diversidade, dos sonhos de milhares de pessoas, da troca constante de ideias e do desejo genuíno de mudar o mundo. Este lugar é mais do que uma instituição de ensino: é um espaço de vida, onde cada estudante deixou um pedaço de si e, ao mesmo tempo, carrega consigo a essência de tudo o que aqui se vive.

Adoro cada instante do percurso que faço até entrar pela porta principal. A caminho da faculdade é impossível não sorrir enquanto observo o caos de Lisboa com a sua energia vibrante, os seus sons e cores e os aviões que parecem rasar os prédios. Esse percurso diário, cheio de vida e de histórias, tornou-se numa metáfora para o que foram estes dois anos: um trajeto que nem sempre foi fácil, mas que foi sempre enriquecedor e sempre vivo. Todos os dias aqui, cada aula, cada conversa, cada desafio, representou um passo mais próximo daquilo que sempre quis.

Por isto e por muitas outras coisas, quero agradecer à comunidade educativa do ISCTE, por cada pequena e grande experiência que me deram oportunidade de viver, mesmo sem saberem. A cada docente que, com paciência e sabedoria, partilhou o seu conhecimento e me ajudou a expandir horizontes e a cada colega de turma que me desafiou, inspirou e fez com que este percurso fosse ainda mais rico. Os dois anos que passei aqui, embora curtos, marcaram-me de uma forma que ficará para sempre. Foi uma fase que passou rápido demais, mas que deixou um impacto profundo e que irá certamente dar-me muitas saudades. A oportunidade de interagir com pessoas tão inteligentes e acima de tudo tão honestas aquece-me a alma e o coração. Não há nada melhor que o Mestrado em Educação e Sociedade para mostrar que a nossa área é uma área que toca a essência daquilo que somos enquanto humanos.

Um agradecimento especial à minha orientadora, que com paciência e compreensão guiou-me durante todo o processo. Quero também expressar a minha gratidão à Diretora do Agrupamento de

Escolas de Azambuja, Madalena Tavares e ao professor orientador João Basto que me receberam de braços abertos e não mediram esforços para garantir que a minha estadia como estagiária, assim como o desenvolvimento da minha investigação fossem bem sucedidos. Aos docentes que participaram ativamente em ambos os processos, o meu sincero agradecimento. Acolheram-me como parte da família e integraram-me em todas as atividades e projetos com tanto cuidado e empatia.

Desde o meu primeiro dia no mundo, este Agrupamento de Escolas mas em especial a Escola Básica de Azambuja, foram a minha segunda casa. Realizar o estágio bem como a minha investigação nesse ambiente familiar foi, sem dúvida, uma das aventuras mais gratificantes da minha vida e é sempre tão bom podermos voltar onde fomos felizes.

À minha família, o meu mais sincero obrigada por respeitarem a minha dedicação e o meu amor a este mestrado, por compreenderem as minhas ausências e as minhas longas horas de trabalho, e por me darem o espaço necessário para me concentrar e dar o meu melhor. E ao Cleto, que foi o meu companheiro constante, o meu ouvinte incansável nas horas de frustração e nas partilhas de pequenas vitórias.

Às minhas amigas que estiveram comigo desde o início, o meu profundo agradecimento. O vosso apoio foi incondicional e a vossa presença constante. Vocês, sem dúvida, foram o pilar que me sustentou nos momentos mais difíceis e a força que me impulsionou nos momentos de dúvida. Cristina Geada e Maria Almeida, um obrigada de coração!

E por fim, mas de forma absolutamente especial, dedico estas palavras às duas pessoas que partilharam este percurso académico comigo de forma ainda mais íntima e intensa: Mariana Bragança e Rita Ruivo. Vocês, que me receberam tão bem, que estiveram comigo desde o primeiro dia, que me apoiaram incondicionalmente em cada desafio e conquista, obrigada. Não foi apenas uma amizade que construímos aqui, foi uma verdadeira irmandade. A vossa ajuda, o vosso carinho e a vossa presença constante foram essenciais para que eu conseguisse chegar até este momento. Sem vocês, este percurso não teria sido tão pleno e a felicidade que tive durante estes dois anos não teria sido a mesma.

A todos vocês, o meu mais sincero e profundo obrigada! Este mestrado foi um sonho que realizei com a vossa ajuda e cada momento vivido ficará guardado com carinho e gratidão.

Resumo

O objetivo desta dissertação é compreender o processo de escolha dos percursos educativos e profissionais dos jovens no 9º ano, avaliando a satisfação e o impacto das escolhas académicas e profissionais no ensino secundário, com ênfase nas influências e desafios que afetam essas decisões. A pesquisa partiu da constatação de que muitos jovens enfrentam dificuldades ao escolher as suas áreas de estudo, o que, em alguns casos, resulta em arrependimentos e mudanças de trajetória no ensino secundário

A investigação seguiu uma abordagem qualitativa, sendo realizadas semi-estruturadas a estudantes que se sentem ou sentiram insatisfeitos com as suas decisões iniciais. Desta forma, as entrevistas permitiram uma análise detalhada das trajetórias académicas dos entrevistados, explorando os fatores que influenciaram as suas decisões e as mudanças subsequentes.

Os resultados indicam que as escolhas dos alunos são influenciadas por diversos fatores e são frequentemente imaturas, resultando em mudanças de curso e frustração.

Palavras-Chave: Trajetórias escolares; Escolhas no ensino secundário; Projetos juvenis

Abstract

The aim of this dissertation is to understand the process of choosing educational and professional paths for young people in the 9th grade, assessing the satisfaction and impact of academic and professional choices in secondary education, with an emphasis on the influences and challenges that affect these decisions. The research started from the realisation that many young people face difficulties when choosing their areas of study, which in some cases results in regrets and changes of trajectory in secondary education.

The research followed a qualitative approach, and semi-structured interviews were carried out with students who feel or have felt dissatisfied with their initial decisions. In this way, the interviews made it possible to analyse in detail of the interviewees' academic trajectories, exploring the factors that influenced their decisions and subsequent changes.

The results indicate that students' choices are influenced by various factors and are often immature, resulting in course changes and frustration.

Keywords: School trajectories; Secondary school choices; Youth projects

Índice

Introdução	8
Enquadramento da Pesquisa.....	11
1.1 Os processos de escolha no final da escolaridade básica.....	11
1.2 O Processo de Transição e os Sentimentos dos Estudantes	14
1.3 Os momentos da escolha: o caso português no contexto internacional.....	19
2. Metodologia da Investigação	23
3. Resultados	27
3.1 Caracterização dos entrevistados.....	27
3.2 Processo de escolha do curso	28
3.3 Fatores de influência na escolha do curso	29
3.4 Sentimentos dos estudantes e processo de transição	32
3.5 Sugestões de melhoria	36
Conclusões	38
Bibliografia	41
Anexos	43
Anexo A – Guião de Entrevista	43
Anexo B – Termo de Consentimento Informado	45
Anexo C – Transcrição das Entrevistas.....	49

Introdução

O presente trabalho visa realizar uma investigação aprofundada relativamente a um tema que é crucial no contexto educativo português: a escolha de um trajeto escolar diferenciado no final do ensino básico. A pergunta de partida é a seguinte: Como é que os jovens que escolheram no final do 9º ano percursos que experimentam como insatisfatórios no ensino secundário avaliam o processo de escolha realizado e que sugestões dão no sentido de melhorar a orientação escolar e profissional oferecida na escola?

A opção por trabalhar esta matéria fundamenta-se na necessidade de compreender e questionar um aspeto central do sistema educativo nacional que, embora tenha as suas vantagens, carece de adaptação às dinâmicas da sociedade contemporânea. Com isto, a razão primordial que motivou esta investigação reside na observação das lacunas presentes no sistema educativo português, especialmente durante a transição do ensino básico para o ensino secundário. Apesar das vantagens inegáveis, como por exemplo, o acesso gratuito até ao 12º ano e o possível acesso ao ensino superior, torna-se imperativo refletir sobre a rigidez associada à escolha compulsória de um curso nesta fase crucial da formação académica.

A obrigatoriedade de escolher um curso no ensino secundário representa um desafio significativo para os estudantes portugueses, pois pode suprimir o desenvolvimento de interesses mais amplos, colocando limites às suas opções. Esta prescrição pode conduzir os alunos a seguir ocupações específicas sem uma compreensão clara dos seus verdadeiros interesses e aptidões, dada a sua idade precoce. Consequentemente, existe a possibilidade de haver uma limitação na exploração de diversas áreas do conhecimento, o desenvolvimento de um sentimento de obrigatoriedade em seguir percursos indesejados e uma perceção de “abandono” numa fase de mudança e de decisões por parte dos profissionais, o que, por sua vez, pode trazer desafios ao trajeto académico dos estudantes, bem como ao desenvolvimento de competências multifacetadas essenciais para o futuro profissional dos mesmos.

O presente trabalho objetiva compreender como os jovens que escolheram, no final do 9º ano, percursos educativos que consideram insatisfatórios no ensino secundário avaliam o processo de escolha realizado, e identificar as suas sugestões para a melhoria da orientação escolar e profissional oferecida pela escola.

Com o propósito de atingir os objetivos delineados nesta pesquisa, é imprescindível a adoção de uma abordagem metodológica qualitativa. Essa escolha fundamenta-se na capacidade intrínseca dessa abordagem em proporcionar uma compreensão mais profunda e contextualizada das multifacetadas

trajetórias educativas dos alunos, nomeadamente jovens que frequentam o 10º ano de escolaridade. No que concerne à estrutura do trabalho, primeiramente, é abordado o enquadramento de pesquisa. Nesta etapa inicial, procura-se proporcionar uma análise concisa e formal sobre a estrutura do Ensino Secundário em Portugal, discorrendo-se sobre o sentimento de imperatividade que recai sobre os estudantes ao serem pressionados para escolher um curso específico após concluírem o Ensino Básico, bem como o processo de escolha em si. Paralelamente, aborda-se também o processo de transição, assim como a trajetória académica dos jovens portugueses e os desafios detetados durante esse processo, constituindo aspetos fundamentais a serem explorados no âmbito desta pesquisa. A seguir, procede-se a uma análise comparativa entre o sistema educativo português e um caso internacional notável de sucesso, visando identificar convergências e divergências, a fim de enriquecer a compreensão das singularidades específicas do contexto educacional português.

Relativamente ao tópico subsequente, são delineadas a metodologia adotada para a presente investigação e uma descrição dos resultados obtidos. Por último, na secção conclusiva, realiza-se uma síntese dos resultados apresentados e oferece-se uma possível resposta à questão inicial.

Enquadramento da Pesquisa

Neste segmento da investigação, realiza-se uma análise abrangente dos processos de escolha que marcam o término da escolaridade básica e dos processos de transição para o ensino secundário. Mediante uma revisão metódica da literatura pertinente, são abordados diversos aspetos centrais, tais como: (i) os Processos de escolha no final da escolaridade básica; (ii) o Processo de transição e o Sentimento dos estudantes e, por último, (iii) os Momentos da escolha: o caso português no contexto internacional.

1.1 Os processos de escolha no final da escolaridade básica

Escolhas Escolares e Motivações dos Estudantes

A transição para o ensino secundário é um momento crucial na trajetória académica dos jovens, marcado por decisões significativas que podem influenciar o seu futuro educativo e profissional. Este período é caracterizado por escolhas escolares que refletem as motivações e as expectativas dos alunos, bem como a influência de diversos fatores sociais, económicos e familiares. Através dessas escolhas, torna-se possível compreender as diversas dinâmicas que moldam as aspirações dos jovens, assim como os possíveis desafios que enfrentam.

Vieira (2010: 275) concluiu, de acordo com os jovens, que estes embora sejam obrigados a fazer uma escolha importante relativamente ao seu futuro académico, não se sentem sozinhos nem desagregados das suas próprias circunstâncias e que, por disporem de um leque virtualmente mais vasto de recursos e terem a possibilidade de serem acompanhados por múltiplos atores e peritos que os podem ajudar, têm mais facilidade de tomar uma decisão. De acordo com a autora, o jovem parece contar sobretudo com o apoio de adultos, nomeadamente os mais disponíveis ou habilitados a fazê-lo, e que a figura adulta mais próxima e mais referida é a mãe, seguida pelos interlocutores privilegiados do contexto escolar, como os psicólogos/orientadores e professores.

No que diz respeito ao processo de escolha, Vieira et al., (2013, p.12), defendem que “a autenticidade emerge do discurso dos alunos como o principal referente normativo utilizado para construir as suas narrativas sobre a escola, para justificar as suas opções e trajetórias”, e que os indivíduos pretendem ser fiéis consigo próprios, conjugando a pessoa que sempre foram, com o que querem ser no futuro. Na sua pesquisa, Vieira et al., (2013, p.12) entrevistaram estudantes que, de forma geral, provam que foi através de uma concordância de interesses pessoais que tomaram a decisão sobre o seu percurso académico. Como sublinha Bernstein (1983, p. 10, citado por Vieira et al.,

2013, p.13) “não basta que as decisões sejam tomadas pelo indivíduo, elas têm de ser do próprio indivíduo”, o que significa que, de acordo com Pappámikail (2009, p.27), as escolhas não devem refletir apenas os interesses pessoais mas também as consequências que podem advir sobre elas. Neste sentido, a responsabilidade individual e a autonomia de tomada de decisão, ocupam um lugar de destaque no discurso dos alunos.

Posto isto, verifica-se que é atribuída uma prioridade pelos alunos entrevistados à realização pessoal tanto no presente quanto no futuro. No entanto, não se deve desvalorizar fatores sociais ou de sucesso profissional e económico. Como afirma Vieira et al., (2013, p.15), “apesar da importância maior conferida às vocações “autênticas”, os alunos tendem a expressar o desejo de seguirem vias que lhes permitam aliar com sucesso ambas as dimensões”. Em concordância com Mateus (2013, pp.127-128) que afirma que as escolhas dos alunos são construídas também através das condições em que os indivíduos se inserem e que, embora as escolhas pareçam obedecer aos interesses pessoais dos estudantes, estas tendem a ajustar-se a aspirações realizáveis, através de um processo de avaliação e de reflexão, de antecipação e percepção, consoante as possibilidades sociais de cada indivíduo.

Campos e Martins (2005, p.135) defendem que as trajetórias escolares traduzem aspetos de seleção social, de orientações escolares e uma carreira marcada por maiores ou menores sucessos. A formação secundária têm consequências nas opções e trajetos futuros, podendo servir como via de entrada numa área vocacional e formativa, podendo funcionar como uma fonte de acesso ao ensino superior e podendo também condicionar a entrada em cursos diversificados.

A sociologia da educação demonstrou que as decisões após o ensino básico são condicionadas pela oferta educativa nas áreas de residência, bem como pelas variáveis associadas às próprias trajetórias individuais. Sérgio Grácio (1997) citado por Campos e Martins (2005, p.138) “evidencia a importância de que se revestem as escolhas realizadas ao longo do percurso escolar, na transição para o secundário”. Nesta perspetiva, Torres (2017) destaca a relação entre a escolha do curso e a seleção da escola secundária como um elemento crucial na sua pesquisa. Segundo as conclusões da autora, uma grande parte dos alunos optam por escolas próximas à sua residência anterior ou à escola onde estudavam no ensino básico, tendo também como critério de escolha a localização e a oferta educativa das instituições escolares.

Alcoforado et al., (2014) afirmam que para além da pouca oferta educativa, existem outros fatores distintos que afetam os percursos académicos, como a falta de informação/formação por parte das escolas sobre as áreas de estudo, o desinteresse e o fraco desempenho a certas disciplinas, por vezes devido ao grau de exigência de determinados cursos. Os autores concluíram que tanto para a mudança

de escola como para a mudança de curso, registam-se diferenças estatisticamente significativas no que toca ao tipo de curso frequentado e se o curso escolhido no primeiro ano do secundário corresponde à primeira opção.

Todavia, os constrangimentos não se reduzem apenas à dimensão institucional de oferta. São os alunos com carreiras focadas que mais certezas têm quando tomam a decisão de escolher uma área no ensino secundário. No entanto, mesmo para aqueles que têm dúvidas é salientado um compromisso com uma escolha mais definitiva, de forma a que optem por cursos que ofereçam um leque mais vasto de opções no futuro. Campos e Martins (2005, p.143) afirmam através da sua investigação que relativamente ao momento da tomada de decisão, 2/3 da amostra declara ter tido sempre o ensino superior como objetivo e 1/3 dos estudantes inquiridos tomou essa decisão durante o ensino secundário. No que toca aos estudantes com decisões ainda mais precoces, associam-se trajetórias escolares de maior sucesso nas áreas científicas.

Alcoforado et al., (2014, p.81) afirmam que, embora os dados revelem uma maioria nada influenciada pelos pares e familiares realçando que a escolha foi totalmente livre, reforçando assim a responsabilidade e autonomia das decisões dos estudantes mencionada anteriormente, esta refletiu ainda alguns constrangimentos, que de forma distinta pesam sobre cada um dos jovens e refletem-se no grau de liberdade e das condições sociais/geográficas que efetivamente dispõem. Um dos exemplos expressos nesta investigação (2014, p.58), alega ter optado pelo curso de ciências e tecnologias numa escola secundária em Lisboa, devido a uma escolha há muito tempo construída com base numa vocação individual. No entanto, a partir do discurso deste estudante é possível concluir que a decisão embora tenha sido tomada livremente e de forma autónoma, foi moldada pela influência familiar, pela continuidade dos estudos até ao ensino superior e pela oportunidade de interagir com profissionais do mesmo ramo. Como declararam alguns alunos, a influência dos pais é ainda um fator predominante nas escolhas escolares dos estudantes portugueses, visto que estes têm tendência a escolher um curso em função da área em que trabalham os pais, de forma a facilitar a entrada para o mercado de trabalho (Teixeira e Flores, 2010, p.123).

Ainda no que toca às motivações do processo de escolha, de acordo com Teixeira e Flores (2010, p.122), existem outras condicionantes que afetam o trajeto académico dos estudantes, como por exemplo a estrutura curricular de uma determinada área, seja pela preferência por certas disciplinas ou pelo facto de não se sentirem confortáveis com determinadas disciplinas, optando assim por áreas com que se identificam mais com o objetivo de seguir um curso no ensino superior. As autoras concluíram que 33% dos alunos optou por uma área profissional consoante a sua vocação, e que outros 23% se sentiram pressionados ou influenciados pelos pares (familiares, amigos, etc). Posto isto, Teixeira

e Flores (2010, p.123) defendem que a influência dos amigos desempenha efetivamente um papel significativo na tomada de decisão dos alunos. A proximidade social é valorizada, e muitos estudantes escolhem a mesma escola com base na decisão do seu círculo de amigos, visando manter relações de proximidade durante a transição para o ensino secundário.

Quem defende igualmente esta teoria, é Torres (2017), realçando que alguns estudantes baseiam-se em vários critérios, como o interesse pela área de estudo, a afinidade com disciplinas específicas do curso e a percepção de que o curso é uma via para o ensino superior ou para uma carreira profissional desejada. Contudo, a autora realça ainda, que existe um número significativo de alunos que optam por um curso alternativo com medo de não terem capacidades para as suas áreas de preferência, sugerindo que a escolha do curso não é apenas motivada pelo interesse, mas também pela percepção de capacidade de sucesso.

1.2 O Processo de Transição e os Sentimentos dos Estudantes

Os desafios detetados

No que toca ao processo de transição e aos sentimentos dos estudantes nesta fase do seu trajeto académico, Lopes (2005, p.61) refere o conceito de “efeito escola” como um importante marco no contexto educativo. A autora descreve o “efeito escola” como o respeito às influências que uma determinada escola ou diferentes escolas ao longo do tempo exercem sobre o percurso educacional dos estudantes, destacando que as transições entre diferentes escolas durante esse processo, podem impactar o desenvolvimento dos alunos, afetando conseqüentemente o seu desempenho académico, bem como as suas interações sociais e estratégias de adaptação. A autora defende ainda que tanto os fatores que contribuem para o sucesso escolar, como os que levam ao fracasso escolar, podem ser encontrados dentro do ambiente escolar (2005, p.62).

Também nesta perspetiva, Anderson et al (2000) abordam na sua investigação as transições escolares e o seu impacto nos estudantes, dando especial destaque aos fatores contextuais que têm influência na capacidade dos alunos de lidar com as mudanças subjacentes da transição.

De acordo com os respetivos autores, as transições sistémicas que envolvem mudanças significativas no ambiente escolar, afetam a maioria dos alunos, resultando em declínio nas notas, satisfação escolar e conseqüentemente o comportamento dos estudantes perante a escola e os professores. Em certos casos, essas mudanças são mais acentuadas podendo aumentar a probabilidade de abandono escolar, e conforme Rice (1997, citado por Anderson et al, 2000, p.326), os alunos são introduzidos em "descontinuidades institucionais": a nível organizacional, que inclui mudanças na

estrutura e normas escolares, e a nível social, que diz respeito às mudanças na diversidade da população estudantil e nas relações sociais.

Após a transição para o secundário, os alunos relatam que os seus cursos são mais difíceis e aqueles que têm mais dificuldade em fazer as transições sistémicas são também os que não estão de todo preparados academicamente para o nível escolar que se segue e enfrentam maiores desafios. Assim e de acordo com Roderick (1993, citado por Anderson et al, 2000, p.332), são também os alunos que enfrentam dificuldades adicionais em termos de raça/etnia, classe social e/ou género que tendem a entrar em conflito com a escola e que são levados conseqüentemente ao abandono escolar.

No caso dos jovens descendentes de imigrantes, como afirma Mateus (2013, p.88) as escolhas dos estudantes são influenciadas por condições sociais, culturais e institucionais, e no que diz respeito ao enfoque da escolha, Brannem e Nilsen (2002, citados por Mateus, 2013, p.88), defendem que esta é especialmente notável nos grupos sociais mais favorecidos, ao contrário dos que não possuem tantos recursos. De facto, o processo de escolha é condicionado por diversos fatores, em especial a estrutura de oportunidades, mas a verdade é que as trajetórias de acordo com Ferreira e Nunes (2010, citados por Mateus 2013, p.69) são criadas pelos sistemas. Ou seja, a visão de que o jovem possui livre-arbítrio tende a ser falaciosa, uma vez que não há oportunidades que sejam de facto reais.

Vieira et al., (2013, p.14), que suportam esta teoria, afirmam que o sistema educativo apresenta-se para muitos, nomeadamente para os mais desfavorecidos, como uma estrutura onde os alunos enfrentam uma série de opções, mas com ferramentas e suportes de navegação totalmente desiguais. Como observado por Martuccelli (2010, p.18, citado por Vieira et al., 2013, p.14), mesmo em sociedades onde o individualismo prevalece, existem limitações devido à distribuição desigual dos recursos necessários para o exercício da autonomia, podendo assim o equilíbrio transformar-se em desequilíbrio, ansiedade e incerteza.

Consolidando as fraquezas do ensino secundário e tendo em consideração a experiência da incerteza e a perceção dos riscos, o processo de escolha vocacional, de acordo com Vieira et al., (2013, p.11), exige uma dose significativa de reflexividade individual, e embora autores como Archer (2003), Dubet (2005) e Thévenot (2006) destaquem a importância dessa reflexividade (que se baseia num repertório de saberes desenvolvidos pela participação do indivíduo no mundo social), e que a partir daí seja teoricamente possível antever os desafios e dificuldades que podem surgir no processo de escolha, existem de facto desafios relativos à conceção e percurso de uma trajetória de vida, que pode ser condicionada pela mobilidade social do estudante. Para além disso, o facto dos adolescentes enfrentarem também desafios decorrentes ao entrarem numa fase de desenvolvimento de

competências necessárias para o processo de individuação, torna conseqüentemente o processo de escolha ainda mais complexo.

Pappámikail et al (2012, p.2) acreditam que devido ao facto das temporalidades institucionais assentarem num percurso linear, sem falhas e obstáculos, essa estrutura exige, conseqüentemente, mais pressão sob os alunos, fazendo com que os mesmos se sintam obrigados a alcançar um sucesso académico de forma a chegar a uma boa posição social e económica no futuro. Contudo, a realidade é um pouco diferente e muitas vezes longe de um trajeto académico sem oscilações, tendo em consideração que um projeto provisório de futuro pode ocorrer a diferentes ritmos e de forma totalmente incompatível ao calendário institucional implementado pelo sistema. Como afirma Glasman (2001, citado Pappámikail et al, 2012, p.48) já não é suficiente ir à escola, é necessário ter bons resultados, e de preferência ter resultados melhores do que os outros.

Assim, e conforme realça Azevedo (2007, p.3), o ensino é definido de igual forma para todos os estudantes (rígido, hermético e compulsivo), mas não é igual para quem entra em conflito aberto com este modelo. Porém, foi com intuito de combater estas e outras problemáticas existentes no sistema educativo em Portugal, que foi criada a Revisão Curricular. A ideia seria implementar uma reforma no ensino secundário, e Fernandes (2006) destaca algumas das problemáticas discutidas nesta reunião, como: a necessidade de restabelecer uma visão do secundário que assegure a sua credibilidade como meio de saber, de inserção, de qualificação e de desenvolvimento de valores; a importância da escola secundária ter que ser vista como uma comunidade de aprendizagem que partilha conjuntamente objetivos constantes, de forma a que todos sintam as suas aspirações, metas, necessidades e vidas respeitadas e consideradas; e por último, o currículo escolar ser desadequado da sociedade atual.

A partir daqui, foi possível identificar que os principais problemas do ensino secundário centram-se e ainda se centram maioritariamente na sua organização curricular, nos seus planos de estudo e na natureza das suas formações, e no sistema de orientação educativa dos jovens (Fernandes, 2006).

Os níveis de retenção e de abandono escolar no ensino secundário e especialmente nos cursos tecnológicos, são conseqüências da desarticulação e do desencontro das expectativas, aspirações, motivações e necessidades dos estudantes e da natureza de determinadas disciplinas e métodos de ensino por vezes utilizados. Contudo e embora já tenham sido introduzidas algumas mudanças, os cursos tecnológicos continuam a ser de acordo com os alunos, uma fonte de frustração visto que não existe uma cultura de escola secundária com formações diversificadas e ligações fortes à sociedade atual e ao mercado de trabalho, onde se possa efetivamente desenvolver formações técnicas e

tecnológicas, o ensino experimental e relações com o que existe e é concreto no mundo. Assim, passados anos de um processo que tinha como intuito tornar o ensino secundário mais flexível, mais moderno e mais significativo, o mesmo mantém-se igual, com índices elevados de retenção e abandono escolar, incapaz de atrair mais jovens para cursos diversificados no nível secundário e a perder cada vez mais a sua credibilidade (Ibidem). Ou seja, os resultados alcançados continuam bastante limitados, no que diz respeito ao princípio de igualdade de oportunidades pelo sistema, bem como a qualidade dos percursos oferecidos e de recursos materiais e organizacionais disponíveis. Anderson et al, (2000, p.332), acreditam que neste sentido, as escolas tornam-se o oposto do que deviam ser e transformam-se em lugares onde os estudantes não querem estar. É por isso necessário em primeiro lugar, o apoio de forma a preparar o aluno para a fase de transição, no sentido em que, quanto menos preparado estiver o aluno, maior será o apoio necessário, e “quanto maior for a descontinuidade entre as escolas de origem e de destino, maior será a necessidade dos alunos necessitarem de apoio e orientação adicionais para progredirem com sucesso nestes pontos dos seus percursos educativos (Baker & Stevenson, 1986; Ward et al., 1982)”.

As expectativas, os resultados e a satisfação

A verdade é que no toca ao nível de satisfação, resultados e expectativas dos alunos, de acordo com Vieira et al., (2013, p.15), embora as decisões sejam tomadas num momento específico na vida dos estudantes, estas são processos que se desenvolvem num período mais longo do tempo. Conforme a autora, estas decisões são posteriormente confrontadas com a experiência quotidiana no secundário, podendo nalguns casos ir de encontro às aspirações dos jovens, e noutros ao desapontamento e desilusão, obrigando os alunos a reconsiderar vocações e escolhas, especialmente em situações em que a decisão foi claramente influenciada por condicionantes como pressões familiares ou pressões por parte da instituição escolar. Para além disso, é importante lembrar que os jovens nesta fase encontram-se num processo de amadurecimento, auto conhecimento e auto reflexão podendo levar assim a uma reformulação de interesses e preferências, e aquilo que eram no passado certezas passam hoje a ser dúvidas.

Mateus (2013: 139) refere que “o sistema de ensino funciona como um espelho estruturado e estruturante no qual o jovem aprenderá a ver-se, e assim a representar de um certo modo o seu futuro em geral, aquilo que sabe, aquilo que pode aprender e aquilo que pode fazer”. Postos à prova e quando confrontados com as escolhas que tomaram, alguns estudantes optam por mudar de trajetória porque se sentem insatisfeitos e a experiência do ensino secundário não correspondeu às suas expectativas.

Como afirmam Torres e Mouraz (2015: 8), 5% dos estudantes de cursos científico-humanísticos tende a mudar de curso no 10ºano (dados de 2013-2014), tendo em consideração que é o ano onde os jovens menos perdem ao redirecionar o seu percurso escolar. Algo que também já foi criticado pelos estudantes, visto que na sua perspetiva devia existir a possibilidade de permeabilidade entre cursos no ensino secundário, de forma a não perderem um ano de estudos. (Portugal, 2016).

A orientação vocacional

Mateus (2013: p.110) alega que a transição para o ensino secundário assume um papel de centralidade na relação entre a construção individual e biográfica e a experiência escolar dos estudantes, trabalhando de forma constante e compulsiva a electividade, a liberdade e a autonomia.

Neste sentido, e consoante Fernandes (2006) deveria fazer parte do currículo escolar a previsão de um tempo e de um espaço que constituíssem oportunidades reais para os alunos, com o devido apoio e orientação dos professores e sem constrangimentos, podendo assim promover o desenvolvimento de projetos que permitissem uma integração, mobilização e verificação das suas aprendizagens.

Desta forma o sistema educativo deve criar condições para a redução da taxa de abandono, mas para isso é necessário fazer um forte e inteligente investimento no domínio da orientação educativa (Ibidem). Com isto, de acordo com o autor é fundamental que a orientação educativa não se reduza apenas a dar aos jovens uma lista interminável de ofertas formativas, consultas de gabinete ou a realização de testes psicotécnicos. É preciso uma ação mais concertada, abrangente e profunda neste domínio que deve iniciar de forma consistente antes do 9º ano de escolaridade. Isto é, para uma transição bem sucedida é necessário de acordo com Anderson et al, (2000, p.342) esforços cuidadosamente planeados, multifacetados e a longo prazo por parte da instituição escolar. Neste modo, Perkins e Gelfer (1995, p. 171, citados por Anderson et al, 2000, p.342), discutem cinco fatores essenciais de um modelo de transição sistémica: uma equipa de planeamento; definição de objetivos e identificação de problemas; criação de um plano de transição por escrito; apoio e empenho dos professores e de todos os envolvidos no processo de transição, e por último a avaliação do processo de transição.

Na sua investigação, Alcoforado et al., (2014, p.81) revelam que a orientação vocacional não reflete muito impacto nas decisões dos alunos, no entanto, através de alguns testemunhos os autores afirmam que todos os estudantes deviam realizar orientação vocacional, mas em moldes diferentes. Algumas das sugestões dos alunos passam pela realização de testes psicotécnicos rigorosos e acompanhados

por uma psicóloga educacional; período experimental com base no plano de estudos do 10º ano; apresentação e explicação do currículo escolar de cada curso e, um leque vasto de informação sobre a área do curso, requisitos e saídas profissionais (Alcoforado et al., 2014, pp. 87-88).

Para além de uma melhoria na orientação vocacional, também se propõe uma maior flexibilidade curricular no ensino secundário. Torres e Mouraz (2015, p.5) acreditam que a reduzida flexibilidade entre disciplinas no sistema educativo português pode ser definida como um fator condicionante no que toca à boa integração dos estudantes no ensino secundário, afirmando ainda que “o poder de escolha dos estudantes termina, na maioria das vezes, na escolha do curso”, visto que são impedidos de misturar áreas de formação e de frequentar modalidades de interesse, que podem porventura abri-lhes portas distintas nas suas trajetórias escolares e profissionais.

1.3 Os momentos da escolha: o caso português no contexto internacional

Segundo Vieira, M, M. , Pappámikail, L. & Nunes (2012, citados por Torres, 2017), a entrada no ensino secundário define-se como uma etapa bastante importante na vida de qualquer jovem. Estes vêm-se obrigados a tomar uma decisão que traça o seu futuro e nem todos se sentem preparados para definir o que querem com “tão pouca idade”. Torres (2017) apresenta e descreve, através de testemunhos de estudantes semelhanças e diferenças existentes entre o sistema educativo português e o sistema educativo escocês, em relação ao processo de escolha do curso, bem como ao processo de transição para o ensino secundário.

Como referido anteriormente, a pressão de responsabilidade pelo seu próprio projeto de vida que exercem sobre os alunos através da obrigatoriedade da escolha de um curso à entrada do ensino secundário, adicionando ainda a possibilidade de mudança de turma/escola, alterando assim consequentemente a rede de amigos, colegas e professores pode acarretar consigo, de acordo com Abrantes (2005, citado por Torres, 2017), uma “desestruturação identitária e social”, e é necessário que haja um reforço do apoio emocional dos colegas, pares e docentes de modo a ajudar uma melhor adaptação a essa etapa por parte dos alunos.

Posto isto, Ngussa & Makewa (2014, citados por Torres, 2017) defendem que é de extrema importância ouvir o que os jovens têm a dizer sobre o currículo do ensino secundário, de forma a que em primeiro lugar, ao nível do desenvolvimento curricular, seja possível tornar os currículos mais contextualizados, motivadores e efetivamente próximos das realidades dos estudantes; e em segundo lugar, ao nível do desenvolvimento individual e educativo dos estudantes, constituir-se uma forma de empoderamento e responsabilização destes em matéria da sua própria aprendizagem. Conforme afirma Garrido (1999, citado Torres, 2017) interessa igualmente aprofundar “do ponto de vista de quem

experiencia a transição (estudantes de 10º ano), o fosso histórico persistente entre as exigências curriculares do ensino básico e aquelas do ensino secundário” com o objetivo de sustentar reformas curriculares que trabalhem a autonomia e a flexibilização curricular.

Como se sabe, a escolaridade em Portugal corresponde à progressão para o ano seguinte, no entanto, essa correspondência não ocorre no sistema escocês. Através da sua investigação, Torres (2017) afirma que num ano de escolaridade no sistema educativo escocês, podem ser encontrados estudantes com qualificações distintas. Ou seja, a flexibilidade dos percursos escolares entre ambos os sistemas educativos é de facto bastante diferente. Como afirma a autora, em Portugal os planos de estudo são definidos em 3 anos e com finalidades específicas. Contrariamente, na Escócia os alunos podem frequentar, por ano de escolaridade entre 6 a 8 disciplinas de acordo com o currículo previsto e a oferta educativa, bem como parcerias locais de escolas com diversas instituições (colleges, empresas, associações comunitárias, etc). “Assim, enquanto em Portugal, à entrada do ensino secundário, os alunos são obrigados a entrar numa única rota de aprendizagem delineada pelo curso escolhido, podendo apenas reorientar essa rota entre cursos com afinidade de planos de estudos, na Escócia, à entrada da senior phase, os alunos podem integrar múltiplas rotas de aprendizagem de acordo com a articulação de princípios de personalização e escolha previstos no currículo com a oferta formativa e as metas pessoais dos alunos” (Torres, 2017).

Consoante a autora, essa diferença na flexibilidade curricular tem implicações significativas na adaptação dos estudantes ao ensino secundário e no seu envolvimento nos processos de aprendizagem. Enquanto os jovens escoceses têm a liberdade de explorar diferentes áreas de estudo e desenvolver diversas habilidades distintas, os jovens portugueses podem sentir-se limitados pela rigidez do sistema de ensino, comprometendo assim a sua capacidade de escolha e oportunidades futuras, visto que são expostos a um determinado percurso escolar, numa escolaridade obrigatória.

Portanto, conforme Torres (2017), é evidente a necessidade de uma maior flexibilidade curricular no ensino secundário português, incluindo uma revisão dos planos de estudo de forma a permitir uma maior diversidade de percursos educativos, a facilitar a adaptação dos estudantes ao ensino secundário e a melhorar o seu desempenho e envolvimento no seu próprio trajeto académico, solucionando simultaneamente a pouca oferta educativa das escolas portuguesas.

Além disso, a orientação vocacional deve ser aprimorada de forma a ajudar os jovens a tomar uma decisão informada sobre os seus futuros académicos e profissionais. Essas mudanças podem contribuir para uma transição mais suave para o ensino secundário e melhorar o desempenho e engajamento dos alunos no seu trajeto educativo (Torres, 2017).

Em suma, e consoante a autora, a transição para o ensino secundário é uma etapa crucial que exige uma revisão profunda do sistema educativo em Portugal. A comparação com o sistema escocês destaca a rigidez do currículo português, sugerindo que uma abordagem mais personalizada e adaptável, bem como o fortalecimento da orientação vocacional pode melhorar significativamente o envolvimento, as decisões e o desempenho dos alunos.

2. Metodologia da Investigação

Em relação ao método de pesquisa da investigação, optou-se pela pesquisa qualitativa, na medida em que esta é indicada para explorar fenómenos sociais complexos, oferecendo uma visão detalhada e contextualizada dos fenómenos em estudo. Ao contrário dos métodos quantitativos, que se concentram na generalização dos resultados através da medição de variáveis numéricas, a pesquisa qualitativa foca-se na compreensão dos significados que os indivíduos atribuem às suas experiências.

De acordo com Carmo e Ferreira (2015: 180), são vários os fatores que caracterizam a abordagem qualitativa, nomeadamente, são fundamentalmente indutivos, uma vez que os investigadores desenvolvem conceitos e constroem a compreensão dos fenómenos a partir de padrões identificados na recolha de dados. De referir também a sua natureza holística, onde os investigadores consideram a realidade como um todo integrado, evitando a redução dos sujeitos a meras variáveis.

A sensibilidade ao contexto é uma característica central na investigação qualitativa, onde o significado atribuído pelos sujeitos às suas experiências assume uma grande importância. Os investigadores procuram compreender os sujeitos a partir dos seus próprios “quadros de referência”, adotando uma visão mais empática que lhes permita vivenciar a realidade da mesma forma que os participantes. Isto envolve uma tentativa de compreensão global das perspetivas de todos os envolvidos, e não apenas de alguns, o que requer que o investigador “deixe de lado” as suas próprias convicções e perspetivas pessoais.

Os métodos qualitativos são, por essência, humanísticos. Quando os investigadores estudam os sujeitos, procuram conhecê-los como pessoas, experienciando, na medida do possível, o que esses sujeitos vivem no seu quotidiano. Ao contrário da abordagem quantitativa, que frequentemente reduz palavras e atos a equações estatísticas, a investigação qualitativa valoriza o processo de investigação tanto quanto os seus resultados finais. Por fim, o plano de investigação é flexível, permitindo aos investigadores ajustar o seu enfoque à medida que os dados emergem e novos entendimentos se desenvolvem.

Neste contexto, a abordagem qualitativa é crucial para capturar as complexidades que têm um peso significativo nas escolhas escolares dos jovens portugueses.

No que diz respeito às técnicas de pesquisa, foram aplicadas entrevistas semi-diretivas, permitindo que os participantes se expressassem de forma livre, mas sob orientação de guião de entrevista, elaborado para o efeito. Como afirma Manzini (1991, p.154), a entrevista semi-diretiva centra-se num tema específico, para o qual é elaborado um guião com perguntas principais, complementadas por

outras questões que podem surgir conforme o desenrolar da entrevista. Segundo o autor, esse tipo de entrevista permite que as informações sejam obtidas de maneira mais espontânea, sem que as respostas sejam limitadas a opções previamente padronizadas. Optou-se por esta técnica de pesquisa, pela necessidade de recolher as percepções e sentimentos dos jovens de forma detalhada, mantendo o foco nos temas centrais da pesquisa.

Para o tratamento dos dados qualitativos obtidos, recorreu-se à técnica de análise de conteúdo, que permite uma abordagem sistemática e objetiva dos dados recolhidos nas entrevistas, visando identificar categorias e padrões recorrentes nas respostas dos entrevistados. Berelson (1952,1968, citado por Carmo e Ferreira, 2015: 251) definiu a análise de conteúdo como objetiva, “porque a análise deve ser efetuada de acordo com determinadas regras, obedecendo a instruções suficientemente claras e precisas para que investigadores diferentes, trabalhando sobre o mesmo conteúdo, possam obter os mesmos resultados” e sistemática, “porque a totalidade do conteúdo deve ser ordenada e integrada em categorias previamente escolhidas em função dos objetivos que o investigador quer atingir.”

Nesta perspetiva, a análise de conteúdo foi realizada em várias etapas. Inicialmente, fez-se a transcrição das entrevistas, de forma a ser possível analisar detalhadamente cada resposta. De seguida, foi realizada a codificação de dados, através do programa MaxQDA, onde excertos relevantes foram categorizados com base nos temas centrais da pesquisa, nomeadamente: escolhas escolares; processo de escolha do curso, fatores de influência, desafios detetados, expectativas, resultados e satisfação face ao curso, orientação vocacional e percepções, papel da escola e dos professores na adaptação e apoio aos alunos, sugestões de melhoria no processo de escolha e flexibilidade curricular. Esta codificação permite a organização dos dados em blocos temáticos que facilitam a comparação entre diferentes casos e a identificação de modelos emergentes (Figura 2.1).



e.g. Figura 2.1 – Matriz de códigos (produção própria em MAXQDA)

A escolha desta técnica de análise é devido à sua capacidade de transformar dados qualitativos em resultados sistemáticos e compreensíveis. Ao agrupar as respostas dos entrevistados por temáticas e categorias, a análise de conteúdo facilita a compreensão das experiências dos jovens em relação ao processo de escolha escolar.

Crítérios de Seleção dos Participantes

Os casos selecionados para esta pesquisa envolvem jovens que frequentam o 10º ano, de ambos os sexos e de diferentes vias educativas, com a particularidade de que foram escolhidos aqueles que não estão a ter uma experiência positiva no ensino secundário, conforme delineado na pergunta de partida. Inicialmente, foram selecionados 12 entrevistados com base em critérios que permitiam uma representação diversificada das experiências educativas, obtendo assim uma amostra equilibrada e variada. Ao incluir uma amostra proporcional entre género, percurso académico (ensino regular ou profissional), e nível de escolaridade dos pais, torna-se possível analisar as influências e os desafios de uma forma mais abrangente.

Em primeiro lugar, no que toca ao critério de género, este garante a inclusão de perspetiva de ambos os sexos, o que pode ser importante para observar diferenças de experiências e escolhas escolares. Relativamente ao critério seguinte, a comparação entre alunos de diferentes trajetórias educativas ajuda a entender como a estrutura do percurso influencia as escolhas e as experiências. Por último, foi considerado o nível de escolaridade dos pais, procurando diferenciar por escolaridade mais baixa (até ao 9ºano) e mais alta (secundária ou superior), uma vez que este fator pode influenciar as expectativas e perceções dos alunos em relação ao seu percurso educativo. A inclusão de estudantes provenientes de contextos familiares variados enriquece a análise e permite compreender de que forma é que as diferentes formações dos pais podem impactar as experiências escolares dos filhos.

O enfoque nos estudantes do 10º ano é particularmente relevante, uma vez que este ano representa momentos decisivos na escolha de futuros percursos académicos ou profissionais. Contudo, devido às limitações impostas durante o processo de recolha de dados, foi possível conduzir apenas 6 entrevistas. Esta redução da amostra deveu-se à ausência de autorizações dos encarregados de educação, necessária para a participação dos estudantes, uma vez que estes eram menores de idade. Embora esta limitação tenha condicionado a diversidade inicialmente projetada, as entrevistas realizadas forneceram dados relevantes e permitiram identificar tendências e padrões importantes no contexto das escolhas e percursos educativos dos estudantes.

A seleção do agrupamento de escolas para a realização desta investigação foi motivada por um conhecimento prévio da instituição, o que facilitou a abordagem inicial e a subsequente implementação do estudo. Este conhecimento pré-existente possibilitou um contacto direto com Direção da escola e permitiu a exposição detalhada da ideia e dos objetivos da investigação. A partir deste primeiro contacto, foi solicitado pela direção o envio de uma proposta formal que descrevesse a investigação de forma pormenorizada, incluindo os critérios para a seleção dos alunos a serem entrevistados. Este procedimento visou garantir que a investigação fosse alinhada com os princípios e objetivos pedagógicos da instituição.

Após a submissão da proposta, esta foi apresentada em Conselho Pedagógico para apreciação, cuja aprovação formal permitiu o avanço para a fase seguinte, que envolveu a colaboração com alguns diretores de turma, tanto de regime regular como de regime profissional. Estes diretores desempenharam um papel fundamental na identificação e seleção dos alunos que melhor se enquadravam nos critérios estabelecidos para a investigação. Através deste processo, foi possível assegurar que os participantes selecionados representavam adequadamente a diversidade de perfis estudantis, em conformidade com os objetivos da pesquisa.

3. Resultados

3.1 Caracterização dos entrevistados

O primeiro ponto a ser analisado nesta investigação centra-se nas escolhas escolares dos estudantes. A partir daqui foi possível analisar as decisões dos alunos em relação aos cursos que escolheram e as mudanças que realizaram ao longo do tempo. As experiências dos entrevistados mostram uma variedade de trajetórias académicas, muitas vezes acompanhadas de dificuldades, como repetências e insatisfação com as escolhas iniciais.

Como se pode visualizar no quadro 1, o entrevistado 1 começou por ingressar no curso de Ciências, mas, após repetir um ano, decidiu mudar a sua trajetória e optou por um curso no regime profissional, devido à sua escolha inicial não corresponder às suas expectativas. No final acabou por seguir a área de Multimédia, por ser mais estimulante e adequada aos seus interesses pessoais. De maneira semelhante, o entrevistado 2 iniciou os seus estudos na área de Ciências, mas, após reprovar, optou por Informática. Já o entrevistado 3 começou no curso de Cozinha, no entanto, após enfrentar alguns desafios, decidiu mudar para Línguas e Humanidades.

No caso do entrevistado 4, que atualmente está no curso de Artes, existe uma insatisfação contínua pelo facto do curso não ir de encontro às suas aspirações. Por outro lado, o entrevistado 5, que também está no curso de Artes, expressa satisfação com a sua escolha, realçando como a adequação do curso às expectativas e interesses pessoais dos alunos é crucial para o sucesso no percurso escolar. Por último, o entrevistado 6 apresenta uma trajetória mais complexa, tendo iniciado os seus estudos no curso de Desporto, de seguida ingressou em Economia e no final acabou por optar por Multimédia, afirmando que encontrar uma área que se alinhasse ao seu interesse pessoal foi um processo demorado e complicado.

Quadro 1. Caracterização dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Curso (Profissional ou Regular)	Ano de Escolaridade	Repetente	1º Curso	2º Curso	Curso Atual	Satisfação
Entrevistado 1	F	P	10º	Sim	Ciências	-	Multimédia	-
Entrevistado 2	F	P	10º	Sim	Ciências	-	Informática	-
Entrevistado 3	F	R	10º	Sim	Cozinha	-	Línguas e Humanidades	-
Entrevistado 4	F	R	10º	Não	-	-	Artes	Não satisfeito
Entrevistado 5	M	R	10º	Não	-	-	Artes	Mais ou menos satisfeito
Entrevistado 6	M	P	11º	Sim	Desporto	Economia	Multimédia	-

Fonte: Tabela de elaboração própria. Informação obtida dos entrevistados.

3.2 Processo de escolha do curso

Em relação ao segundo ponto fundamental desta investigação, os dados revelaram que diversos fatores devem ser considerados nesta etapa decisiva para os alunos portugueses. Nas entrevistas, foram evidenciados padrões de incerteza e dúvida em relação à escolha do curso por parte dos estudantes.

A incerteza, elemento central identificado na maioria das entrevistas, emerge de diferentes causas. Dentro delas, destaca-se a falta de informação e preparação: como observado nos depoimentos dos entrevistados 2 e 6, a carência de conhecimento sobre o sistema educativo e as opções de cursos disponíveis cria um ambiente propício à dúvida. O entrevistado 2, em particular, enfrentou ainda o desafio da imigração, pelo que teve que transitar de um ensino diferente para o ensino português, intensificando as suas incertezas quanto ao seu futuro académico:

“(…) eu não estava aqui no 9º ano, eu estava no Brasil. E digamos que para mim foi meio que uma coisa nova, porque eu não sabia que aqui tinha essas coisas de... “Ah, eu escolhi curso para tal, tal, tal.” Eu fiquei muito confusa, admito. E eu fiquei tipo... “Será que eu vou para esse? Será que eu vou para aquele?” (E2)

“(…) eu não tinha conhecimento, por conta que eu tinha acabado de chegar do Brasil. E eu fiquei um bom tempo sem ter contato com ninguém, sem escola, porque eu tinha problemas para resolver, no caso dos meus pais. E eu não tinha contato com ninguém, não sabia como eram as coisas, como elas funcionavam. Quando eu cheguei à escola, o que eu pude ver? Cheguei lá, não sabia nem que existiam cursos, não sabia que existiam essas coisas todas. E eu ficava assim, “e agora?” (E2)

Outro fator importante é a escolha prematura: a maioria dos entrevistados sublinha a imaturidade dos alunos para tomar uma decisão tão importante tão cedo. O entrevistado 1 menciona explicitamente que no 9º ano ainda se sente como uma criança, sem a maturidade necessária para fazer uma escolha que terá um impacto significativo no seu futuro:

“(…) eu não me sentia preparada para ir para o 10º ano, sentia que ainda não estava muito à vontade com as escolhas que tinha que fazer (...) Dizem que o 9º ano é aquele ano que nos estão a preparar para o décimo, décimo primeiro, mas não é. No 9º ano, nós ainda somos muito crianças e no décimo ano já querem que sejamos mais adultos, mas não dá, porque somos crianças na mesma.” (E1)

Por outro lado, a importância do apoio familiar emergiu como um contraponto positivo em diversas entrevistas. O encorajamento oferecido pela família, elemento destacado pelos entrevistados

2, 3 e 5, suavizou as dificuldades do processo de escolha e trouxe segurança e clareza num momento de dúvida.

No caso do entrevistado 1, a família atuou como um suporte emocional crucial, demonstrando que, muitas vezes, a família desempenha um papel compensatório quando o ambiente escolar falha em oferecer a ajuda necessária:

“Foi um processo complicado e difícil. Esgotou um bocadinho a minha saúde mental (...) Fui para uma psicóloga fora da escola e felizmente apoiou-me nesse aspeto.” (E1)

Para além do que já foi mencionado, é importante realçar que muitos alunos passaram por um processo de mudança e adaptação após a escolha inicial do curso, o que reflete insatisfação com as escolhas feitas anteriormente. O entrevistado 3, por exemplo, começou em Cozinha mas rapidamente percebeu que não era a escolha certa e mudou para o ensino regular. O entrevistado 6 também passou por múltiplas mudanças, transitando por Desporto e Economia antes de se estabelecer em Multimédia. Essas mudanças indicam a inadequação das escolhas iniciais, muitas vezes guiadas por orientações insuficientes ou pressões externas.

Adicionalmente, de acordo com os dados da investigação, o processo de escolha do curso tem impactos significativos na saúde mental e emocional dos estudantes. O entrevistado 1 descreve um impacto direto no seu bem-estar devido à pressão e ao desencorajamento enfrentado, derivados da ansiedade e do stress gerados pela falta de suporte necessário:

“Supostamente, ela tinha que nos ajudar a decidir e ela só nos mandava abaixo, a dizer que nós não íamos conseguir.” (E1)

Por fim, a influência de terceiros no processo de escolha mostra-se como um fator crucial que afeta significativamente a decisão dos alunos.

3.3 Fatores de influência na escolha do curso

Nesse contexto, ao explorar o ponto seguinte foram identificados primeiramente, as aspirações e motivações dos estudantes, e em seguida, fatores externos, tais como as influências familiares, as influências escolares e as pressões sociais.

A interação entre aspirações pessoais e influências externas revela-se complexa e multifacetada. Embora as motivações internas desempenhem um papel importante na tomada de decisão do curso, estas raramente operam de forma isolada, pois, consoante os dados obtidos nesta investigação, é possível compreender que as mesmas estão interligadas com expectativas familiares, orientações

escolares e pressões dos pares. O entrevistado 3 demonstra como a aspiração de seguir o ensino superior motivou a sua mudança de um curso profissional para o ensino regular. No entanto, essa decisão foi fortemente influenciada pela percepção das suas capacidades académicas, em particular na preparação para os exames nacionais. Da mesma forma, o entrevistado 5 baseou a sua decisão numa análise pessoal do que desejava no momento e do que seria viável para o futuro, tentando assim equilibrar as suas ambições com uma visão pragmática do seu caminho profissional. Com isto, é possível compreender que, mesmo quando os alunos tentam tomar decisões com base nas suas próprias aspirações, as mesmas acabam por ser frequentemente filtradas por uma avaliação das suas capacidades e circunstâncias, muitas vezes por aquilo que acreditam ser esperado deles pela família, pela escola e pela sociedade:

“A mudança do profissional para o regular foram os exames que eu ia precisar de fazer. E se eu tivesse continuado em profissional mesmo a fazer os exames... Eu não tenho capacidade para estar a estudar tanto de matéria de dois anos para fazer exames...” (E3)

“Para mim, pelo menos foi o que eu queria fazer no momento e se eu ia levar isso para o futuro, se eu ia usar isso para viver e me sustentar com isso no futuro.” (E5)

A influência familiar também emerge como um fator predominante quando é necessário tomar uma decisão. No caso do entrevistado 1, que afirma ter escolhido inicialmente ir para o curso de Ciências, porque sempre teve uma paixão por Biologia Marinha, mas no entanto foi uma decisão claramente influenciada pelos sonhos compartilhados com a sua mãe, madrinha e avó, demonstrando como certas vezes as aspirações podem ser transmitidas e até impostas pela família:

“Por parte da minha família, porque o meu sonho de ser Bióloga Marinha era o sonho também da minha mãe, da minha madrinha e da minha avó (...) fiquei a conhecer o curso através delas por muitas das conversas lá em casa, à hora de jantar e assim, era sobre o curso e sobre esse sonho que nós tínhamos desde pequenas.” (E1)

O entrevistado 2 passou uma situação similar quando decidiu seguir Informática, incentivado pelo pai, que trabalha na área:

“Quando eu fui de novo escolher, eu preferi escolher uma área mais fácil, que foi o profissional. Tipo, tem mais acesso, essas coisas assim. E meus pais também me apoiaram muito, por conta que... meu pai é de Informática e me apoiou. Falou ‘vai para a Informática que eu te ajudo em tudo’ Então, eu já tinha uma base de ajuda ali. Então, fui para a Informática.” (E2)

É ainda de referir que as pressões sociais também surgem como um fator significativo que pode desviar os alunos das suas preferências individuais, levando-os a tomar uma decisão com o desejo de serem aceites pelos outros. Exemplos que refletem esta situação é o caso do entrevistado 1, que afirma ter optado mais tarde por Multimédia, em parte, para acompanhar os amigos, destacando como a necessidade de se sentir incluído pode influenciar as suas decisões académicas. Nesta perspetiva temos também o entrevistado 6, que admitiu que a sua escolha inicial de ter entrado para Desporto foi influenciada pelos colegas:

“Acho que tive sempre um bocadinho de influência nas minhas escolhas. Principalmente em desporto, porque foram muitos colegas da minha turma para o desporto e na altura optei por ir porque eles também iam.” (E6)

Por último, no que diz respeito às influências escolares, as orientações fornecidas pela escola deveriam, idealmente, ajudar os alunos a tomar uma decisão fundamentada, guiando-os a decisões académicas que estejam em harmonia com as suas aspirações e capacidades. Contudo, os relatos indicam que nem sempre esse papel é desempenhado de forma eficaz, surgindo diversos desafios para alguns estudantes que se viram “obrigados” a seguir uma área que não queriam. O entrevistado 1 sentiu que a orientação da psicóloga foi mais uma fonte de frustração do que de apoio, influenciando de forma negativa a sua escolha ao desconsiderar as suas preferências pessoais. Por outro lado, o entrevistado 4 foi direcionado para Artes com base numa recomendação escolar, apesar do seu desejo de seguir Psicologia. O entrevistado 2 tomou a decisão de ir para Ciências apenas por sugestão dos serviços administrativos da escola que iria frequentar face às suas notas anteriores, não tendo por base um acompanhamento adequado por parte da escola durante esta etapa, sugerindo que as orientações podem ser influenciadas por critérios académicos objetivos, mas nem sempre têm em conta o contexto pessoal e o histórico individual do aluno:

“Fui fazendo os testes que as psicólogas nos deram. Só que o que me estava a dar não era o que eu queria (...) quando cheguei ao final, a psicóloga dizia que a área que eu queria não era indicada para mim e a dizer que eu não ia conseguir.” (E1)

“Quando eu fui descobrir qual curso que eu estava, sendo que eu pedi Ciências, não, eu estava em Artes. E foi quando me disseram que uma psicóloga na minha antiga escola tinha falado que o bom era que eu fosse para a Artes.” (E4)

“Eu tinha chegado do Brasil e para mim foi meio que uma coisa nova, porque eu não sabia que aqui tinha essas coisas de escolher curso. Como eu queria um curso para ir para a universidade, a secretaria da escola me recomendou que eu fosse para Ciências.” (E2)

3.4 Sentimentos dos estudantes e processo de transição

No que diz respeito ao quarto ponto analisado nesta investigação, e considerando que para alguns alunos o acompanhamento insuficiente por parte da instituição constituiu um desafio enfrentado significativo, é necessário destacar que existem muitos outros igualmente importantes e que merecem especial atenção. Dentro desses desafios temos, em primeiro lugar, a dificuldade de integração e suporte social no ambiente escolar, por parte dos pares e colegas de turma, evidenciando a ausência de uma rede de apoio eficaz e consequentemente acarretando sentimentos de exclusão e insegurança.

De seguida, um dos desafios detetados, abordado pela maioria dos entrevistados, centra-se nas expectativas e pressões académicas que metem nos estudantes nesta fase da sua vida académica. O entrevistado 3 menciona a exigência extrema de algumas disciplinas que requerem um nível de dedicação e esforço que muitas vezes ultrapassam as capacidades e o tempo disponível dos alunos. De acordo com os dados revelados, o impacto dessa pressão é também derivado da falta de preparação para lidar com a mudança e com as exigências da mesma. Como mencionado pelo entrevistado 1, a transição repentina para o ensino secundário pode ser um choque, especialmente para aqueles que não tem o apoio necessário para enfrentar esses novos desafios:

“O principal problema no meu percurso académico é sobretudo todas as dificuldades nas matérias. Pede-se muito de uma pessoa de um adolescente no seu secundário (...) somos adolescentes e a mim sempre disseram “na adolescência aproveita a vida” e, por exemplo, com estudo, com exames e não sei o quê, é complicado aproveitar a vida e chegar onde a gente quer (...) porque eu sei que se eu não estudar eu não vou passar, por isso eu prefiro ficar em casa a estudar, porque eu preciso estudar do que sair. Mas às vezes também quero sair, só que tenho que estudar outra vez e fico a sentir-me culpada se ao invés de ficar a estudar, prefiro sair.” (E3)

“Por exemplo, eu que estou num curso profissional, a maior parte vai entrar de férias sexta-feira e nós só temos férias daqui a mais de um mês e meio. É muito pesado.” (E1)

Nesta perspetiva, a estrutura curricular é também apontada como um desafio no processo de transição dos estudantes, sendo descrita como rígida e pouco flexível aos interesses dos alunos.

A imposição de um currículo rígido com pouca margem para escolhas pessoais é um tema abordado pelos entrevistados. Inclusive o entrevistado 6 menciona a limitação das escolhas como um problema, sugerindo que a falta de opções de cursos e a ausência de flexibilidade de disciplinas limita o desenvolvimento de competências e interesses diversificados entre os alunos. Já o entrevistado 2

acrescenta que essa limitação intensifica a ansiedade e o stress dos estudantes, quando estes não gostam ou não se sentem capacitados para fazerem certas disciplinas mas são obrigados a isso porque faz parte do currículo dos cursos:

“Por exemplo, eu tenho uma amiga que é de artes e ela odeia geometria. Eu já tive geometria, é horrível! E ela preferia ter matemática do que geometria, porque aquilo dali realmente para ela não tem como e ela sente-se muito desmotivada.” (E2)

O que nos leva ao próximo fator predominante - Expectativas, Resultados e Satisfação dos alunos perante as suas áreas de estudo. Os relatos dos entrevistados mostram uma clara divergência que pode ser dividida entre a experiência positiva e a desilusão. No caso da primeira, o entrevistado 1, que inicialmente pensava que o curso seria mais exigente e desafiador, acabou por se deparar com uma realidade mais agradável e interessante, contribuindo para uma experiência satisfatória e que superou as expectativas. De forma semelhante, o entrevistado 5 sentiu que as suas expectativas relativamente ao curso foram correspondidas, o que também gerou um sentimento de pertença à área escolhida:

“Não sei se no futuro eu vou querer trocar de curso, mas por enquanto eu até estou mais ou menos satisfeito com o curso que eu estou agora (...) eu estou investindo fazendo uma coisa que eu gosto de fazer (...) e as expectativas foram correspondidas.” (E5)

Contrariamente, o entrevistado 2 evidenciou um sentimento de desilusão no que diz respeito ao curso inicialmente escolhido, ao ingressar em Ciências com as expectativas elevadas. Este afirmou ao longo da entrevista, ter-se sentido desapontado pela dificuldade do currículo escolar e pela ausência de conexões sociais, levando assim à desistência e, posteriormente, à mudança de área. O entrevistado 4, também expressou descontentamento relativamente ao curso, tendo em conta que não consegue ver um futuro naquela área, frisando que foram apenas influências externas que o levaram a frequentar o curso de Artes, e que por isso não se sente motivado nem interessado por nenhuma das disciplinas:

“Sobre o curso que eu estou agora... eu não tive oportunidade de escolher e não tem nada a ver com o que eu quero (...) eu acho que não seria muito bom eu continuar em Artes sendo que não tem nada a ver com Psicologia (...) O curso é bom, mas eu não quero isso. Eu não quero trabalhar com isso no futuro, então eu prefiro mudar de curso mesmo.” (E4)

Relativamente ao seguinte fator crucial - Orientação Vocacional e Perceções – e como abordado anteriormente, as orientações escolares, apesar de existirem com intuito de ajudar os alunos a tomar uma decisão, foram para a maioria dos entrevistados inadequadas e insuficientes. Um dos aspetos mais criticados ao longo das entrevistas, assenta no sentimento que os estudantes têm de não terem sido ouvidos de forma genuína durante o processo de orientação vocacional. O entrevistado 1, por exemplo,

relata uma experiência em que sentia que a psicóloga interessava-se mais em direcionar os alunos para cursos específicos, tendo por base as suas impressões e julgamentos, do que entender efetivamente os interesses e as aspirações dos mesmos:

“Eu sentia mais que nos estava a tentar logo direcionar para onde é que ela queria que nós fôssemos do que propriamente em nos ouvir e saber os nossos interesses para o futuro.” (E1)

Simultaneamente, o entrevistado 4 expressou frustração por ter sido colocado pelos encarregados de educação numa área que não queria e que não tinha nada a ver com o que queria fazer no seu futuro em contextos profissionais, por recomendação da orientação escolar, levando-o a sentir que as suas preferências foram ignoradas:

“Bom, eu me senti um pouco mal, mas... Tipo, no começo do ano, eu gostei do curso. Só que não era o que eu queria (...) e eu perdi o ano, né? Então, fica meio... Eu vou ter que repetir de novo, então me sinto mal. Eles me ouviram, mas eles não ligaram...” (E4)

Para além do que já foi mencionado, os entrevistados levantam ainda questões importantes sobre a eficácia dos testes psicotécnicos como ferramenta central da orientação vocacional. O entrevistado 3 afirma que estes testes são facilmente manipuláveis e que não são suficientes para ajudar os alunos a tomar uma decisão sobre o seu futuro. Outro exemplo, como o entrevistado 6, que expressa ceticismo quanto ao valor desses testes, aponta que, sem uma experiência prévia nas áreas sugeridas, os resultados obtidos acabam por ser vagos e insuficientes para guiar a uma escolha informada. O mesmo acaba por referir também que é necessário complementar os testes psicotécnicos com outras formas de orientação, como experiências práticas ou atividades de exploração vocacional, que proporcionem aos alunos uma visão mais concreta e realista das diferentes áreas de estudo:

“Há um dia que mostram os cursos e o que é que se faz. Vão a todos os cursos aqui da escola ver como é que se trabalham as áreas e como é que é. No meu tempo não houve nada disso. Eu estava assim meio... Ok, mas quais áreas? Eles vão a ciências, eles explicam, fazem experiências em ciências, humanidades também têm qualquer coisa e sempre é mais engraçado.” (E6)

Por outro lado, o entrevistado 5 sugere que, embora os testes possam ser úteis para alguns alunos, para a maioria não são suficientes. De acordo com o entrevistado, é crucial uma abordagem mais flexível e personalizada, que tenha em conta as diferentes formas de aprendizagem e decisão dos estudantes. A crítica à falta de atividades na orientação escolar é uma visão partilhada em todas as

entrevistas, apontando assim para uma lacuna significativa na abordagem tradicional da orientação vocacional.

Remetendo-nos assim para o próximo fator deste estudo - Papel da Escola e dos Professores na adaptação e apoio aos alunos. Alguns depoimentos indicam que os professores desempenham um papel fundamental no apoio aos estudantes. O entrevistado 3 destacou que os professores, além de serem excelentes a lecionar, estavam sempre disponíveis para ajudar com questões escolares ou pessoais, o que foi bastante benéfico para a adaptação dos alunos. O entrevistado 6 também descreveu os professores como simpáticos e acessíveis, contribuindo para um ambiente escolar onde os alunos se sentem à vontade para procurar ajuda.

No entanto, nem todas as experiências foram uniformemente positivas. O entrevistado 5 mencionou que, embora alguns professores fossem muito eficazes nas suas abordagens, outros não se empenhavam o suficiente para ajudar os alunos a alcançar um bom desempenho.

Já os relatos do entrevistado 2 e do entrevistado 4 revelam sentimentos de frustração e desilusão com o sistema educativo, especialmente no que toca à falta de empatia e compreensão por parte de alguns professores:

“Os professores sempre falavam “Ah, você tem que melhorar isso. Você tem que começar a estudar mais isso”. Sendo que eu dava o dobro de mim e não era aquilo que eles queriam. Ou seja, eles não tentaram perceber o que é que estava a passar. Teve uma vez que eu estava estudando para um teste de... Acho que... Biologia e Geologia. Eu fiz de tudo para entender a matéria e no final eu tirei notas baixas. E o professor simplesmente escreveu assim “Tenta melhorar o seu modo de estudar, porque pode ser isso que está atrapalhando”, sendo que eu perdia noites para entender o que era aquilo. Então, chegar no teste e deixar o mais correto do jeito que ele pedia e chegava lá e não era aquela coisa me frustrava muito.” (E2)

“Os professores brigavam comigo, porque eu tirava uma dúvida e diziam ‘você não prestou atenção, você fez isso’... Eu fiquei com medo de perguntar.” (E4)

Por fim, o entrevistado 1 foi particularmente crítico ao afirmar que os professores não estavam suficientemente focados em melhorar o ambiente escolar ou o processo educacional:

“Acho que os professores não estão muito preocupados em melhorar as coisas por aqui.”
(E1)

3.5 Sugestões de melhoria

Finalmente, passamos para o último ponto abordado nesta investigação que se centra nas sugestões de melhoria dadas pelos estudantes quanto ao processo de escolha e a flexibilidade curricular. Em relação à necessidade de melhorias no processo de escolha, os entrevistados sugerem várias abordagens, nomeadamente: experiências práticas e conhecimento real antes de terem que tomar uma decisão, visto que os mesmos frequentemente mencionam que gostariam de ter a possibilidade de visitar instituições de trabalho e a realizar atividades experimentais. Os entrevistados 1 e 2 destacam que a visitas a locais de trabalho, bem como apresentações de profissionais poderiam oferecer uma visão mais realista das diversas opções de carreira e áreas.

Para além do que já foi mencionado, e de acordo com os dados das entrevistas, existe uma preocupação comum quanto à falta de informação detalhada sobre os cursos e as suas saídas profissionais. A maioria dos entrevistados acredita que o sistema atual, baseado principalmente em testes psicotécnicos e orientações superficiais, não oferece uma visão suficiente:

“A minha orientação na escola não foi das melhores. Acho que podem fazer melhor mesmo no geral do que aquilo que é (...) Podiam mostrar mais áreas, são sempre as mesmas.” (E3)

“A escola fez-nos os testes psicotécnicos. Só que isso também não me valia de muito porque eu não tinha experiência nas coisas, não sabia se iria gostar porque nunca experimentei, nunca passei por essas coisas. E nunca fui informado sobre os currículos dos cursos, por isso foi um bocado um tiro no escuro” (E6)

Outro ponto levantado, é a necessidade de reduzir a pressão sob os alunos, permitindo uma abordagem mais gradual e adaptativa ao longo do ensino secundário. Quanto à flexibilidade curricular, os entrevistados sugerem a permissão para experimentar diferentes disciplinas e áreas de estudo antes de se comprometerem com uma escolha definitiva. Os entrevistados 5 e 6 discutem a importância de um sistema onde os alunos possam testar diferentes áreas e adaptar as suas escolhas com base nessas experiências. Também há uma proposta para integrar diversas disciplinas, permitindo aos alunos combinar matérias de diferentes cursos. O entrevistado 3 aponta que a rigidez atual do sistema pode limitar o desenvolvimento das competências dos alunos, e uma abordagem mais flexível poderia ser uma solução para o problema:

“Se tivesse um secundário experimental, você poderia experimentar o curso, se você não gostar, você troca e assim por diante, você faz isso até encontrar o curso que você gosta,

que você realmente pensa que vai levar para o futuro e que você consiga fazer (...) também seria bom, você poder escolher diversas matérias, porque aí você não ia ser tão resistente, porque essa é uma matéria que você entende, gosta de aprender e, conseqüentemente, você também ia ter um bom resultado nessas disciplinas.” (E5)

“Acho que deveria haver umas semanas que se experimentam uns cursos e depois sim, decidir o que se gosta de fazer e escolher. Ou então, poder escolher as disciplinas porque pode haver pessoas que gostam de uma coisa, que têm uma área e também querem outra coisa, que só há noutra área e assim dava para juntar várias coisas.” (E6)

“Porque quando escolhemos um curso, estamos rotulados aquele curso. Como se não tivéssemos nada fora daquele curso. Por exemplo, conheço muitas pessoas que tiraram e gostam de humanidades, mas não gostam de algumas disciplinas e preferiam trocar por outras de um curso diferente porque tem interesse e não conseguem juntar aquilo que querem. Acho que se houvesse mais flexibilidade entre disciplinas ia-nos ajudar imenso.” (E3)

Por fim, os entrevistados reconhecem a importância de equilibrar a flexibilidade com a necessidade de manter uma estrutura curricular sólida e abrangente.

Conclusões

“Como é que os jovens que escolheram no 9º ano percursos que experimentam como insatisfatórios no ensino secundário avaliam o processo de escolha realizado e que sugestões dão no sentido de melhorar a orientação escolar e profissional oferecida na escola?” Essa pergunta emergiu da observação de que muitos jovens enfrentam dificuldades significativas ao escolher as suas áreas de estudo no final do ensino básico. A questão de partida refletia a necessidade de entender não apenas o processo de tomada de decisão, como também os fatores que o influenciam e o resultado dessas escolhas ao longo do tempo.

Foi através da realização de entrevistas semi-estruturadas a estudantes do 10º ano que, foi possível analisar as suas trajetórias académicas e observar uma visão crítica das políticas educativas que orientam o processo de escolha do curso. O objetivo era não só entender como e em que contexto essas decisões são tomadas, como também avaliar se o sistema educativo atual oferece o suporte necessário para ajudar os estudantes a fazer escolhas informadas e alinhadas com os seus interesses e habilidades.

A investigação revelou que os estudantes frequentemente enfrentam um sentimento de incerteza ao tomar uma decisão sobre o seu futuro académico. As entrevistas destacaram que muitos alunos, ao final do ensino básico, não se sentem preparados para escolher um curso que vai definir uma grande parte da sua vida académica e profissional.

Com isto, muitos estudantes mencionaram sentir-se pressionados a seguir determinadas áreas de estudo devido a influências externas, como a pressão dos pais, a recomendação dos orientadores escolares ou mesmo as expectativas da sociedade em relação a carreiras consideradas mais promissoras ou seguras. Esse sentimento de pressão externa foi especialmente notável nos casos em que os estudantes acabaram por optar por cursos que não estavam alinhados aos seus interesses pessoais. No entanto, também houve casos em que a orientação escolar e o apoio familiar forneceram uma base sólida para que os estudantes pudessem fazer escolhas mais informadas e seguras, destacando a dualidade das influências externas. Os resultados mostraram que a falta de orientação eficaz contribui para a incerteza dos alunos. Muitos entrevistados relataram que os testes psicotécnicos, frequentemente utilizados como ferramenta principal da orientação vocacional, foram insuficientes e que não ajudaram a tomar decisões assertivas. Esses testes não capturaram a totalidade das experiências, habilidades e aspirações dos alunos, o que pode levar a recomendações que não refletem as suas verdadeiras capacidades ou interesses.

Outro ponto importante foi a constatação de que as escolhas feitas no final do ensino básico muitas vezes resultam em arrependimentos e mudanças de curso durante o ensino secundário, indicando que as decisões tomadas nesse período são frequentemente baseadas em percepções imaturas ou informações incompletas. Essas mudanças de percurso, embora às vezes necessárias, podem resultar em atrasos na formação e em sentimentos de frustração e desmotivação.

Os resultados obtidos nesta investigação confirmam muitas das conclusões da investigação já realizada sobre o processo de tomada de decisão entre os jovens. Os estudos indicavam que as escolhas acadêmicas são frequentemente influenciadas por uma combinação de fatores internos e externos, incluindo a pressão familiar, as expectativas sociais e a orientação escolar.

Vieira (2010) sublinha que os jovens, ao serem confrontados com escolhas de grande relevância, raramente se sentem isolados, contando com o apoio de adultos, em especial das mães, e profissionais, como psicólogos e orientadores escolares. Essa observação foi amplamente confirmada pelas entrevistas realizadas no âmbito desta investigação, onde diversos estudantes ressaltaram que a influência parental foi decisiva na escolha do curso. O suporte familiar e escolar emergiu como um fator central para a tomada de decisões mais informadas e alinhadas com as aspirações dos alunos, revelando que tais influências, quando bem direcionadas, podem conduzir a resultados acadêmicos mais satisfatórios.

Para além disso, Vieira et. al. (2013) destacam a procura dos jovens por autenticidade nas suas escolhas, querendo alinhar as suas decisões com os seus interesses. A presente investigação confirma essa tendência, mostrando que os estudantes entrevistados expressaram uma clara intenção de seguir caminhos que refletissem as suas verdadeiras vocações, mesmo diante de pressões externas para optar por áreas mais tradicionais ou economicamente vantajosas. Essa procura por autenticidade, embora desafiadora, foi identificada como um fator motivacional crucial na permanência dos alunos em cursos que exigem maior esforço e dedicação.

A influência dos pares e de fatores sociais, enfatizada por Teixeira e Flores (2010), também foi observada nas entrevistas. Muitos estudantes relataram que as suas decisões foram influenciadas pelo desejo de manter laços de amizade ou pela pressão exercida pelo grupo de pares. Já no que tange aos desafios detetados durante a transição escolar, Lopes (2005) e Anderson et al. (2000) discutem o “efeito escola” e as discontinuidades institucionais que podem impactar negativamente o desempenho e a adaptação dos estudantes no ensino secundário. Os dados desta investigação confirmaram essas observações, ao mostrar que muitos jovens enfrentaram dificuldades significativas na adaptação a novos ambientes escolares e à complexidade dos novos cursos.

Por fim, Alcoforado et al. (2014) identificam a falta de informação e orientação como fatores críticos que podem levar a decisões insatisfatórias. No que toca a este tema, os relatos dos entrevistados revelam sentimentos de frustração e desmotivação quanto à orientação recebida nas escolas, que foi frequentemente considerada inadequada e desatualizada. A investigação também levantou questões sobre a eficácia dos testes psicotécnicos utilizados na orientação vocacional. Embora estes testes sejam vistos por alguns estudos como ferramentas úteis para alinhar interesses e habilidades, os dados desta pesquisa indicam que, em muitos casos, tais instrumentos não conseguem captar a complexidade das aspirações dos alunos, resultando em orientações que não atendem plenamente às suas expectativas.

Durante a condução da investigação, surgiram novas ideias e percepções que merecem ser destacadas. Uma dessas ideias é a noção que as escolhas académicas não são estáticas, mas sim dinâmicas e em constante evolução. Isso significa que os estudantes deveriam ter a possibilidade de flexibilidade entre disciplinas de áreas diferentes, se assim o desejassem. A rigidez do sistema educativo português foi identificada como um fator que pode limitar o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes.

A pesquisa sugere também que é necessário um enfoque mais holístico na orientação vocacional proporcionada pelas escolas, que vá além dos testes psicotécnicos e que inclua uma avaliação mais completa das experiências de vida, interesses pessoais e habilidades dos alunos. Outra ideia emergente é a importância de envolver as famílias no processo de orientação, mas de forma estruturada e informada. As famílias, quando bem orientadas, podem ser uma fonte valiosa de apoio emocional e prático para os estudantes, ajudando-os a tomar decisões que refletem as suas verdadeiras aspirações e capacidades. No entanto, essa colaboração precisa ser mediada por profissionais de orientação de forma a garantir que o apoio familiar não se transforme em pressão indevida.

Bibliografia

- Alcoforado, L.; Preguiça, C.; Urbano, R.; Gomes, C. (2014). Escolhas escolares dos/as estudantes na transição para o ensino secundário em Portugal: reflexões a partir do caso de uma escola de uma cidade de média dimensão. *Estudos do Século XX*, Coimbra, v. 14, p. 71-91.
- Anderson, L.; Jacobs, J.; Schramm, S.; Splittgerber, F. (2000). School transitions: Beginning of the end or a new beginning?. *International Journal of Educational Research*, Amsterdão, v. 33, p. 325-339.
- Azevedo, J. (2007). *Articulação entre níveis e ciclos de ensino*. In: Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 9., 2007, Funchal, Madeira. Atas [...]. Funchal.
- Carmo, Hermano, Ferreira, Manuela Malheiro - Metodologia da investigação [Em linha] : guia para auto-aprendizagem. Lisboa : Universidade Aberta, 2015. 316 p. (eUAb. Universitária; 9). ISBN 9789726747598
- Fernandes, D. (2006). Revisitando a revisão curricular (1997-2001): Um contributo para pensar o futuro do ensino secundário. *Educação. Temas e Problemas*, v. 2, 129-158.
- Garrido, J. L. (1999). Problemas do ensino secundário superior. In: AZEVEDO, J. (org.). *O Ensino Secundário em Portugal*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, p. 229-236.
- Gomes, S. C. M. (2013). *Futuros convergentes?: Processos, dinâmicas e perfis de construção das orientações escolares e profissionais de jovens descendentes de imigrantes em Portugal* (Tese de doutoramento).
- Lopes, M. C. (2005). Transições e pontos críticos das trajetórias de escolaridade: estudo de caso em seis escolas secundárias da Grande Lisboa. *Interações*, Santarém, n. 1, p. 55-75.
- Manzini, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.
- Martins, F. O. (org.) (2017). *Perfil dos alunos para o século XXI - Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória (versão para consulta pública)*. Lisboa: Ministério da Educação, Direção Geral de Educação.
- Martins, S. C., & Campos, J. (2005). Entre o secundário e o superior: Trajetórias e orientações escolares dos estudantes recém chegados ao IPS. *Interações*, Vol, 1, 125-148.
- Teixeira, C.; Flores, M. A. (2010) Experiências escolares de alunos do ensino secundário: resultados de um estudo em curso. *Educação & Sociedade*, São Paulo, v. 31, n. 110, p. 113-133.
- Torres, A. (2017). Transição para o ensino secundário: vozes dos estudantes em dois sistemas educativos. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología Educación*. Vol. Extr., No.1, (1-5).
- Torres, A. C., & Mouraz, A. (2015). Transição para o Ensino Secundário em Portugal: Vozes de Estudantes sobre Dificuldades Académicas. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, Vol. Extr. 5, 61-65.
- Vieira, M. M.; Pappámikail, L.; Nunes, C. (2012). Escolhas escolares e modalidades de sucesso no ensino secundário: percursos e temporalidades. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, v. 70, p. 45-70.
- Vieira, M. M.; Pappámikail, L.; Resende, J. M. (2013) Em busca de si: a construção das escolhas escolares no Ensino Secundário Português [In search of the self: the process of building vocational choices in Portuguese school system] *Educação em Revista* Vol. 14, 2, pp. 7-24.
- Vieira, M. M. (2010) Incerteza e individualização: escolarização como processo de construção biográfica. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP* Vol. 20, pp. 265-280.

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevista



Instituto Universitário de Lisboa

Guião de Entrevista

Mestrado em Educação e Sociedade – 2º ano

Dissertação de Mestrado

Docente/Orientadora: Teresa Seabra

Discente/Investigadora: Beatriz Mateus

Instituição: Escola Secundária de Azambuja

Bloco Temático	Dimensão/Sub-dimensão de Análise	Questões
Apresentação	Apresentação da Investigadora e do Entrevistado. Enquadramento da Investigação. Objetivos do Estudo. Motivar o entrevistado para a entrevista. Assegurar a correta utilização das informações recolhidas. Pedir autorização para o registo das informações.	“ Olá, Bom dia/Boa Tarde! O meu nome é Beatriz Mateus e sou aluna do 2º ano do curso de Mestrado de Educação e Sociedade no Iscte. Gostaria de começar por agradecer a tua colaboração e disponibilidade para a realização desta entrevista que tem como objetivo conhecer a tua experiência enquanto estudante do ensino secundário e a tua opinião relativamente ao processo e obrigatoriedade da escolha de um curso após o ensino básico. Gostaria de pedir a tua autorização para gravar a nossa conversa para efeitos de facilidade no tratamento e análise da informação. A gravação será ouvida apenas por mim e usada somente para não esquecer

		nada de importante que me possas dizer. Sendo assim, autorizas ou não a gravação? “
Processo de Escolha do Curso	<p>Experiência de Escolha do Curso no 9º Ano:</p> <p>Processo de Escolha;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrição detalhada do processo; • Fatores influentes na decisão; <p>Sentimentos em relação à escolha inicial;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Emoções associadas à decisão; <p>Expectativas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expectativas em relação ao curso escolhido; • Atendimento ou não dessas expectativas. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o teu curso atual no final do 9º ano? 2. Quais foram os fatores mais significativos que influenciaram a tua decisão na altura? 3. Como te sentiste em relação à tua escolha inicial ao ingressar no ensino secundário? 4. Houve diferença entre o que esperavas encontrar no curso e o que encontraste? Se sim, qual ou quais as diferenças encontradas.
Avaliação do Processo de Escolha	<p>Avaliação do Processo de Escolha:</p> <p>Pontos Fortes;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação dos aspetos positivos do processo de escolha; <p>Pontos Fracos ou Desafios;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação de dificuldades ou problemas enfrentados durante a escolha; • Impacto desses desafios na experiência no ensino secundário; <p>Apoio e Orientação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Perceção sobre o suporte e orientação disponíveis durante o processo de escolha; • Sugestões para melhorar esse suporte e orientação; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Olhando para trás, de que forma avalias agora o processo de escolha do curso realizado no 9º ano? 2. Quais foram os pontos fortes desse processo, na tua opinião? 3. Identificaste algum ponto fraco ou desafio durante a fase de escolha? Se sim, poderias descrever esses pontos fracos e como esses impactaram a tua escolha e experiência no ensino secundário? 4. Que tipo de apoio ou orientação sentiste que estava disponível durante o processo de escolha do curso? De que forma é que essa orientação poderia ter sido mais útil?
	<p>Experiência no Ensino Secundário e Sugestões de Melhoria:</p> <p>Experiência Geral no Ensino Secundário;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrição geral da experiência; <p>Desafios enfrentados;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificação de obstáculos específicos ao longo do percurso académico; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como descreverias a tua experiência geral no ensino secundário até agora? 2. Que problemas tens encontrado ao longo do teu percurso académico? Podes dar exemplos? 3. Na tua opinião, seria importante implementar medidas que permitissem um início de ensino secundário mais experimental ou flexível, de modo a que os alunos não se sentissem pressionados a

<p>Experiência no Ensino Secundário e Sugestões de Melhoria</p>	<p>Flexibilidade e Experimentação;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Opinião sobre a importância de medidas para tornar o início do ensino secundário mais flexível; • Possíveis benefícios dessa flexibilidade; • Sugestões de atividades ou programas experimentais ou exploratórios <p>Melhorias na Orientação Escolar e Profissional;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sugestões para melhorar a orientação escolar e profissional oferecida nas escolas: • Ideias para implementação de melhorias. 	<p>tomar uma decisão muito cedo ou não sentes essa necessidade?</p> <p>4. Se sim:</p> <p>5. - Como é que poderia beneficiar os alunos? Quais seriam as possíveis formas de implementar essa flexibilidade ou esse período experimental?</p> <p>6. Que tipo de atividades ou programas experimentais ou exploratórios gostarias de ver implementados no ensino secundário para ajudar os alunos a tomar decisões mais informadas sobre os seus percursos académicos e profissionais?</p>
<p>Finalização da Entrevista</p>	<p>Finalização da entrevista, agradecimentos e informações sobre a divulgação dos resultados.</p>	<p>“ Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado! “</p>

Anexo B – Termo de Consentimento Informado



Termo de Consentimento Informado

Curso: Mestrado em Educação e Sociedade Instituição: Iscte-Instituto Universitário de Lisboa

Orientadora: Doutora Teresa Seabra

Tema da Dissertação: “O Impacto da Decisão no 9ºano na Experiência do Ensino Secundário em Portugal.”

O presente estudo surge no âmbito de uma investigação a decorrer no **Iscte – Instituto Universitário de Lisboa**. Tem como objetivo investigar as escolhas escolares e as motivações dos jovens, os desafios enfrentados no ensino secundário, a eficácia da orientação vocacional oferecida pelas escolas e tentar

compreender possíveis sugestões de melhoria, de forma a reduzir a desmotivação e o abandono escolar.

A participação destes jovens no estudo será muito valorizada e irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência. Esta consiste em participar numa entrevista onde serão discutidas as experiências e opiniões dos estudantes sobre o processo de escolha de curso no 9º ano e o processo de transição para o ensino secundário. A duração estimada das entrevistas é de aproximadamente 30 minutos.

O Iscte é o responsável pelo tratamento dos seus dados pessoais, recolhidos e tratados exclusivamente para as finalidades do estudo, tendo como base legal o seu consentimento.

A presente investigação é realizada pela discente Beatriz Mateus – bamms@iscte-iul.pt, que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida, partilhar algum comentário ou exercer os seus direitos relativos ao tratamento dos seus dados pessoais. Poderá utilizar o contacto indicado para solicitar o acesso, a retificação, o apagamento ou a limitação do tratamento dos seus dados pessoais.

A participação neste estudo é **confidencial**. Os seus dados pessoais serão sempre tratados por pessoal autorizado vinculado ao dever de sigilo e confidencialidade. O Iscte garante a utilização das técnicas, medidas organizativas e de segurança adequadas para proteger as informações pessoais. É exigido a todos os investigadores que mantenham os dados pessoais confidenciais.

Além de confidencial, a participação no estudo é estritamente **voluntária**: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação e retirar o consentimento para o tratamento dos seus dados pessoais em qualquer momento, sem ter de prestar qualquer justificação. A retirada de consentimento não afeta a legalidade dos tratamentos anteriormente efetuados com base no consentimento prestado.

A entrevista é gravada por áudio de forma a facilitar a recolha e análise dos resultados da presente investigação. Os registos dos áudios de gravação serão mantidos sob forma anónima e em ambiente de privacidade.

Os seus dados pessoais serão conservados até à data de entrega deste estudo, após o qual serão destruídos ou anonimizados, garantindo-se o seu anonimato nos resultados do estudo, apenas divulgados para efeitos estatísticos, de ensino, comunicação em encontros ou publicações científicas.

Não existem riscos expectáveis associados à participação no estudo.

O Iscte tem um Encarregado de Proteção de Dados, contactável através do email dpo@iscte-iul.pt. Caso considere necessário tem ainda o direito de apresentar reclamação à autoridade de controlo competente – Comissão Nacional de Proteção de Dados.

Orientadora / Doutora Teresa Seabra

Assinado por : Teresa de Jesus Seabra de Almeida
Num. de Identificação: BI05205170
Data: 2024.05.03 13:21:47+01'00'



Investigadora / Discente



Assinado por: Beatriz
Alexandra Moreira Mateus
Identificação: BI15757280
Data: 2024-05-05 às 15:47:25

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora.

Sim Não

Eu, , aceito que o/a meu/minha educando/a participe enquanto entrevistado/a no estudo sobre “O Impacto da Decisão no 9ºano na Experiência do Ensino Secundário em Portugal.” integrado na conclusão do Grau de Mestre em Educação e Sociedade pelo Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.

Fui informado/a que a entrevista é gravada e que os registos dos áudios de gravação serão mantidos sob forma anónima e em ambiente de privacidade, sem registos que permitam a identificação do/a entrevistado/a e com acesso restrito a terceiros.

Confio também que toda a informação recolhida se destina exclusivamente à Dissertação de Mestrado em Educação e Sociedade, referida anteriormente.

Nome do Participante:

Data:

Representante legal:

Assinatura:

Anexo C – Transcrição das Entrevistas

Entrevistado 1

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o teu curso atual no final do 9º ano?

e: Ah, claro! Então, no início do 9º ano nós entrámos e logo no início disseram-nos que ao longo do ano nós íamos ser seguidos pela psicóloga, que nos ia ajudar, fazendo testes e assim, e que nos ia ajudar a chegarmos a um consenso do que é que nós queríamos fazer no futuro. Entretanto, fui para a psicóloga, só que eu não me sentia preparada para ir para o 10º ano, sentia que ainda não estava muito à vontade com as escolhas que tinha que fazer. Então, pronto, pedi à minha mãe se podia ficar outra vez no 9º ano. A minha mãe disse que obviamente que não. Pronto, então fui fazendo os testes que as psicólogas nos deram. Só que o que me estava a dar não era o que eu queria. Então, foi complicado.

E: E o que é que tu querias?

e: Eu queria ir para a Ciências, só que estava a dar-me para a Área de Multimédia.

E: E depois disso o que é que aconteceu?

e: Depois, quando cheguei ao final, a psicóloga dizia que a área que eu queria não era indicada para mim e estava-me sempre a mandar abaixo, a dizer que era para eu não ir para aquela área, porque não ia conseguir. E pronto, para além de eu não conseguir escolher, depois tinha sempre ela a mandar-me abaixo, a dizer que eu não ia conseguir. Então, estava assim um bocado complicado.

E: Então, e depois, quando foi efetivamente para escolher, quando chegaste à sala e tiveste de escolher?

e: Escolhi ir para a Ciências.

E: E como é que correu?

e: No início estava a correr bem, só que eu tenho um problema de ossos, então eu tinha de faltar muitas vezes à escola e faltar quando estás em ciências não é fácil, não é? Eu não conseguia acompanhar metade da matéria. Então, acabei por não conseguir passar, porque não tinha metade da matéria que eles tinham dado.

E: E mudaste de curso logo no primeiro ano?

e: Sim.

E: Então, e quais foram os fatores mais significativos que influenciaram a tua decisão na altura?

e: Na altura de ir para a Ciências ou na altura em que tive de escolher outro curso?

E: Em ambas.

e: Ciências foi porque desde pequena que eu gostava muito dos animais e eu queria ir para a Biologia Marinha. Então, foi por aí. Agora para a Multimédia foi porque sempre me interessei por tirar fotos até com telemóveis de teclas. Eu tirava fotos aos bichinhos e assim. E pronto, foi meio que um interesse que eu já tinha também.

E: Então, na altura quando quiseste ir para Ciências, houve algum fator social, psicológico, escolar que possa ter influenciado a tua decisão?

e: Por parte da minha família também, porque o meu sonho de ser Bióloga Marinha era o sonho também da minha mãe, da minha madrinha e da minha avó. Fiquei a conhecer o curso através delas por muitas das conversas lá em casa, à hora de jantar e assim, era sobre o curso e sobre esse sonho que nós tínhamos desde pequenas.

E: Mais alguma coisa te influenciou? Amigos, escola..?

e: Acho que não.

E: E em relação a Multimédia?

e: Sim. Tinha amigas que vinham para cá também e eu sentia-me um bocado posta de parte, então acabei por vir com elas e foi também por gostar de fotografias, e claro pela palavra da psicóloga.

E: Então, e como é que te sentiste em relação à tua escolha inicial ao ingressar no Ensino Secundário?

e: Eu não tenho bem uma opinião formada para isso. Foi mais ao acaso. Não me sentia nem feliz, nem triste. Senti que tinha que ser.

E: Sentias que tinha que ser porquê?

e: Porque somos obrigados a escolher.

E: E não estavas de todo preparada na hora?

e: Não.

E: Houve diferença entre o que esperavas encontrar no curso e o que encontraste? Em ambos os cursos, neste caso?

e: Em ciências, como eu não estive lá muito tempo, estive apenas um ano e sempre a ter que faltar, não tenho nada a dizer sobre o curso. Senti que não estava de todo preparada para a dificuldade do curso. Por isso é que eu queria ficar no 9º ano, porque sentia que não estava preparada para nenhum dos cursos.

E: E em multimédia?

e: No curso de multimédia eu pensava que ia ser mais chocante, por trabalhos que eu via dos colegas do ano passado, mas acabei por gostar. É um curso interessante.

E: E achas que está a corresponder às tuas expectativas?

e: Acho que sim.

E: Em relação à avaliação do processo de escolha, olhando para trás, de que forma avalias agora o processo de escolha do curso, realizado na altura?

e: Isto é bem complicado. Lá está, porque é complicado por causa da psicóloga que eu tive. Foi um processo complicado e difícil. Esgotou um bocadinho a minha saúde mental.

E: E como é que lidaste com o assunto?

e: Fui para uma psicóloga fora da escola e felizmente apoiou-me nesse aspeto.

E: E estás melhor?

e: Sim. Foi mais pelo facto de, supostamente, ela tinha que nos ajudar a decidir e ela só nos mandava abaixo, a dizer que nós não íamos conseguir.

E: E a tua família ajudava-te nesse aspeto?

e: Sim.

E: Eles apoiaram-te na decisão de ires para ciências. Mas também te apoiaram quando te sentiste assim em relação à psicóloga e quando escolheste ir para multimédia?

e: Sim.

E: Quais foram os pontos fortes desse processo, na tua opinião? O que é que achas que aprendeste com isso?

e: Que às vezes devemos ir pelos nossos pensamentos e pelo que nós queremos e não pelo que os outros querem que nós façamos.

E: Para além da aprendizagem, qual é que tu achas que deve ter sido o ponto alto desse processo todo?

e: Ainda não descobri.

E: E pontos menos fortes, para além da psicóloga?

e: Dizem que o 9º ano é aquele ano que nos estão a preparar para o décimo, décimo primeiro, mas não é. No 9º ano, nós ainda somos muito crianças e no décimo ano já querem que nós sejamos mais adultos, mas não dá, porque somos crianças na mesma.

E: Que tipo de apoio ou orientação sentiste que estava disponível durante o processo de escolha do curso? Visto que tiveste essas dificuldades, sentiste alguma vez que a psicóloga efetivamente estava disponível ou que estava a tentar ajudar-te?

e: Não, eu sentia mais que nos estava a tentar logo direcionar para onde ela queria que nós fôssemos do que propriamente em nos ouvir e saber os nossos interesses para o futuro. Então eu sentia-me a dizer que isto vai para aqui e aquilo vai para ali em vez de perceber o que é que nós queríamos fazer.

E: Sendo assim como é que foi o processo com a psicóloga ao certo?

e: Nós entrávamos lá, nos primeiros dias ela conhecia-nos, perguntava-nos sobre o nosso passado, se tínhamos algum problema e depois tentava saber os nossos interesses. Mas à medida que nós íamos dizendo os nossos interesses, ela dizia “ah, este não vale a pena” ou “aquele se calhar não é o mais certo” e depois direcionava-nos logo para um curso. Tipo dizia “ah, eu acho que ficavas bem em multimédia”. Não queria ouvir ao certo o que é que nós queríamos.

E: E isso foi um processo que durou apenas no 9º ano?

e: Sim.

E: De que forma é que essa orientação poderia ter sido mais útil? Ou seja, o que é que achas que ela poderia ter feito para que vocês fossem melhor orientados?

e: Podia tentar ouvir-nos melhor e tentar saber mais os nossos interesses e no que é que nós tínhamos mais interesse em relação aos cursos que haviam disponíveis nas escolas e aí sim dizer a opinião dela mas nunca tentar afetar a nossa.

E: Como é que descreverias a tua experiência geral no ensino secundário até agora?

e: Não é das melhores experiências que tenho tido, devido à escola também. Por exemplo, em relação aos professores, o ano passado eu tinha professores no meu curso de multimédia que não eram da nossa área, ou seja, acabávamos por não aprender muita coisa sobre a disciplina devido a não haver professores para aquela área. Mas também acho que os professores não estão muito preocupados em melhorar as coisas por aqui.

E: E para além disso, tens encontrado mais problemas ao longo do teu percurso académico?

e: O horário. Acho que é um horário bastante pesado. Por exemplo, eu que estou num curso profissional, a maior parte vai entrar de férias sexta-feira e nós só temos férias daqui a mais de um mês e meio. É muito pesado e, para além disso, nós vamos começar a ter dias e dias só de uma disciplina, o que é bastante cansativo. Por exemplo, ter um dia inteiro só de inglês. Ninguém vem.

E: Na tua opinião, seria importante implementar medidas que permitissem um Ensino Secundário mais experimental ou flexível?

e: Sim. Podermos escolher o que é que nós queríamos, um pedacinho de tudo o que nós queríamos, para sabermos para que área realmente queríamos ir e não ir logo para uma área que possa não ser a melhor para nós. Acho que seria mais fácil para pessoas que ainda não sabem ao certo o que é que querem seguir no futuro e não seria tão exaustivo. E assim os alunos não se sentiam tão pressionados a tomar uma decisão tão cedo. Iríamos expandir mais os nossos interesses e conhecimentos do que nos estarmos a focar simplesmente nas disciplinas que existem naquele curso.

E: Que tipo de atividades ou programas experimentais gostarias de ver implementados no ensino secundário para ajudar os alunos a tomar decisões mais informadas sobre os seus percursos académicos e profissionais?

e: Eu acho que no 9º ano nós devíamos, por exemplo, ir a vários sítios relacionados com os cursos que existem para nos dar a conhecer um pouco mais do curso, para nós também termos um bocado a ideia do que é que

aconteceria, do que é que poderíamos seguir com aqueles cursos, do que nos darem só os testes psicotécnicos e a psicóloga dizer que isto faz isto e que isto faz aquilo. Seria mais engraçado nós vermos mesmo o que é que se faz do que estarmos ali. E saber talvez possíveis saídas profissionais e tudo isso, porque para quem vai para as ciências, o que é que pensa? “Ah, vais para o médico, vais para isto, vais para aquilo”, mas não, se formos a ver, existem imensos caminhos que poderemos percorrer.

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!

Entrevistado 2

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o teu curso no final do 9º ano?

e: No décimo ano, no caso, eu não estava aqui no 9º ano, eu estava no Brasil. E digamos que para mim foi meio que uma coisa nova, porque eu não sabia que aqui tinha essas coisas de... “Ah, eu escolhi curso para tal, tal, tal.” Eu fiquei muito confusa, admito. E eu fiquei tipo... “Será que eu vou para esse? Será que eu vou para aquele?” Porque eu quero um curso para ir para a faculdade, universidade, no caso. Então, a escola me recomendou que eu fosse para Ciências. Só que, quando eu fui para Ciências, eu fui, tipo... Eu fui, no caso, no décimo primeiro que eu estava no Brasil. Então, digamos que era para eu ter voltado, porque era para me adaptar ao curso. Só que não voltei, fiquei no décimo primeiro, não entendi absolutamente nada e eu fiquei...”e agora? Como é que eu faço?” Então, digamos que eu não me adaptei ao curso. Não me adaptei às pessoas também, porque as pessoas falaram que iam me ajudar e não me ajudaram., e tipo, me esforcei ao máximo para poder tentar passar. E, no final, eu preferi desistir na metade do ano e recomeçar. Então, quando eu fui de novo escolher, eu preferi escolher uma área mais fácil, que foi o profissional. Tipo, tem mais acesso, essas coisas assim. E meus pais também me apoiaram muito, por conta que... meu pai é de Informática e me apoiou. Falou “vai para a Informática que eu te ajudo em tudo.” Então, eu já tinha uma base de ajuda ali. Então, fui para a Informática. Voltei ao meu décimo. Gostei do curso, porque tinha mais facilidade, consegui entender as matérias. E, digamos que, realmente, foi bom. Foi mesmo bom a escolha que eu fiz, mas eu tive que voltar. Tive um preço, tive que voltar ao décimo ano. E agora eu estou aqui no décimo primeiro.

E: Há bocado afirmaste que havia pessoas que disseram que te iam ajudar e não ajudaram. A que pessoas te referes?

e: Pessoas da minha sala. Digamos que no começo foram gentis comigo. Tipo, tentaram me ajudar. Só que quando eu precisei de mais ajuda por eu não entender as coisas, como é que funcionava aqui, não me ajudaram em nada. Tipo, deixaram que... Não ligaram, basicamente. Então, meio que fiquei mal com isso e quase entrei em depressão porque eu era nova aqui. Fiquei com medo de me julgarem, essas coisas assim e não sabia como é que funcionava . Simplesmente no começo foram gentis e depois disso, quando eu mais precisei de ajuda por conta de matérias que eu realmente não sabia, nunca tinha visto, ninguém me ajudou.

E: Mas foi aqui na escola ou foi aqui em Portugal?

e: Foi aqui na escola.

E: E foram professores e orientadores?

e: Não, não. Professores... Digo que os professores me ajudaram. Me botaram mais a apoio. Principalmente os professores... Acho que os meus professores que eu mais gostei foram de matemática e de geologia. Eles foram os professores que mais me ajudaram.

E: Então, e quais foram os fatores mais significativos que influenciaram a tua decisão? A informática que já sei foi pelo teu pai, certo?

e: Sim. Foi mais influência familiar. Ciências é o ponto que a escola comparou as minhas notas que eu tinha no Brasil com a... Imagina, eles compararam as minhas notas e falaram “ah, vai para esse curso.” Foi a escola mesmo que me recomendou a ir para esse curso. E minha mãe apoiou a ideia de eu ir para esse curso. Só que eu não sabia como era exatamente, era puxado.

E: Mas foram os psicólogos?

e: Não, psicólogos não. Foi realmente a secretaria em si. “Então, e a questão da multimídia? Sabe que não havia informática aqui.” Na verdade, eu não gosto de multimídia. Eu sou mais da parte de informática, que mexe nos computadores, essas coisas assim. Então, digamos que, imagina, quando foi escolher o curso, falaram que tinha mais vagas para a multimídia, não a informática. Aí eu falei “mas eu quero ir para a informática. Eu não quero ir para a multimídia, porque eu não gosto dessa coisa de tirar fotos. Eu não sou apta para isso.” E, tipo, ficavam falando que “ah, não tinha vagas, não tinha vagas.” De tanta insistência, teve vagas, porque eu insisti naquilo que eu queria e consegui.

E: Então, e como é que te sentiste em relação à tua escolha inicial?

e: No começo, em ciências, eu achei que era uma oportunidade boa para tentar entrar para a faculdade e ter vaga. Depois, eu não fui gostando mais da ideia por conta das matérias, das pessoas e do ensino. Aquilo dali me foi fazendo desistir. Aí eu ficava pensando “será que eu peguei uma turma tão ruim assim?” Mas depois, quando fui para a informática, eu realmente gostei mais da minha decisão, porque em ciências eu era muito fechada. Não me comunicava com ninguém, tentava, mas era sempre, ficava quieta, isolada. Agora em informática, eu sou mais comunicativa, falo, consigo, sabe, me soltar. Consigo falar.

E: Então, neste caso, achas que o currículo de ciências é bastante complicado?

e: Sim, tem que pensar muito realmente se você quer aquilo em ciências. Eu sempre falo isso para os meus amigos que chegam no Brasil e vão escolher o curso. Eu sempre falo “pensa bem se você quer realmente entrar para ciências.” Porque o fardo, não é nem questão de fardo, mas é como se fosse um fardo, é maior, porque você vai ter que focar naquilo até o final para você poder passar. Então, eu realmente gostaria de ter focado, mas só que em humanidades. Eu pensava e entrar em humanidades. E eu sempre gostei de história e geografia, então acho que eu não teria, como posso dizer... problemas, porque eu focaria naquilo que eu gosto. Então, eu não teria problemas com isso.

E: Então, e qual é que achas que era o problema da tua turma?

e: Em ciências, digamos que... Eu admirava por eles saberem, tipo, focavam, sabe, e sabiam o que estavam fazendo. Isso realmente eu não tenho o que falar. Admirava muito. Eu me esforçava para querer ser que nem eles. E, tipo, eu acho que não foi nem questão disso, foi mais em questão, tipo, cada um tinha o seu grupo. Então, meio que separava os outros, entende? Aí eu ficava meio assim “e agora?” Eu ficava com medo até de fazer trabalhos em grupo. E era difícil também por conta das apresentações orais em inglês, porque eu não sabia nada. Então, quando me pegaram na época, tipo, ah, apresentação oral. Eu não sabia nada. E eu sempre avisava, “eu não sei disso, não sei como é que eu falo isso.” E depois disso, foi lá até na base.

E: Então, houve diferença entre o que esperavas encontrar no curso e o que encontraste?

e: Sim, muita.

E: Quais é que eram as tuas expectativas?

e: Em ciências eu esperava que, digamos que, seriam coisas mais assim, mais... Eu imaginei que seriam coisas complexas, por conta das matérias. E eu estava aqui me dando o máximo de si. Só que não deu. Já em informática eu já esperava que seria uma área mais acessível, mais fácil, mais comunicativa de se fazer também, mexe muito com o computador, então, tipo, é bem mais fácil.

E: E sentes-te mais integrada.

e: Sim, me sinto bastante.

E: Olhando para trás, de que forma avalias agora o processo de escolha do curso realizado no ano? Ou seja, lembrando-te da altura em que tiveste que escolher um curso, como é que foi? Sentes essa pressão?

e: Não, eu não senti pressão. Eu fiquei muito na dúvida. Eu ficava assim “eu vou? Não vou? Realmente eu quero isso? Realmente eu não quero isso?” Eu sempre ficava na dúvida. Eu ficava na dúvida, basicamente.

E: Ou seja, foi uma altura duvidosa? Não sabias o que querias?

e: Sim, porque eu não tinha conhecimento, por conta que eu tinha acabado de chegar do Brasil. E eu fiquei um bom tempo sem ter contato com ninguém, sem escola, porque eu tinha problemas para resolver, no caso dos meus pais. E eu não tinha contato com ninguém, não sabia como eram as coisas, como elas funcionavam. Quando eu cheguei à escola, o que eu pude ver? Cheguei lá, não sabia nem que existiam cursos, não sabia que existiam essas coisas todas. E eu ficava assim, “e agora?” E eu tive que ler os panfletos para ver se era realmente aquilo que eu queria. E tinha que dar resposta para a escola, falando “ah, eu quero esse curso aqui, esse aqui tem vaga”. Aí, no final, foi mesmo dúvida.

E: E quais achas que foram os pontos fortes desse processo?

e: Ah, agora já não sei. Acho que de informática foi mais por ser uma área que eu realmente gostei. Que é bem mais... que está no mercado de trabalho também, basicamente. Então, foi uma área que eu realmente gostei. Gostei das matérias, as matérias eu consegui entender. Pelo menos isso! Porque em ciências eu não entendia nada. Então, foi basicamente até, de ciências à informática, foi um passo bem grande. Pois eu tive que voltar tudo de novo. Mas compensou, pelo menos.

E: E que tipo de apoio ou orientação sentiste que estava disponível durante o processo de escolha?

e: De ciências eu tive apoio dos meus pais. Só que na parte em questão de ficar na escola em si, eu tive com a minha amiga, no caso. Uma amiga que foi e me ajudou. Porque elas viram que eu não estava realmente aguentando ficar em ciências e eu já estava entrando num ápice de colapso já, porque era muita pressão. Era “você tem que fazer isso, você tem que trabalhar e nos apresentar, você o quê?” Tipo, exigia muito mais, sabe? E eu não estava preparada para aquilo. Então, me apoiavam, assim “muda de curso, vai fazer você bem”. Em questão também dos meus pais, eles viram que realmente não estava dando porquê, ao ver as minhas notas, os professores sempre falavam “Ah, você tem que melhorar isso. Você tem que começar a estudar mais isso”. Sendo que eu dava o dobro de mim e não era aquilo que eles queriam. Ou seja, eles não tentaram perceber o que é que estava a passar. Teve uma vez que eu estava estudando para um teste de... Acho que... Biologia e Geologia. Eu fiz de tudo para entender a matéria e no final eu tirei notas baixas. E o professor simplesmente escreveu assim “Tenta melhorar o seu modo de estudar, porque pode ser isso que está atrapalhando”, sendo que eu perdia noites para entender o que era aquilo. Então, chegar no teste e deixar o mais correto do jeito que ele pedia e chegava lá e não era aquela coisa..

E: Ok, então não sentiste muito apoio da parte da escola?

e: Não!

E: Nunca tiveste psicólogos aqui na escola?

e: Não.

E: Ok. E para além desses professores que tu referiste, houve mais alguém da escola que te conseguiu ajudar?

e: Neste processo? Não.

E: Como é que descreves a tua experiência geral no ensino secundário até agora?

e: Digamos que, em geral, no secundário, a escola em si tem problemas. Muitos que sabem, os alunos que realmente sabem e querem ter um futuro, sabem que a escola não presta. E, digamos que, além de as coisas acontecerem e a diretora não se importa, as coisas acontecem, depois a gente é o prejudicado, que somos isso, que somos aquilo, sendo que está passando literalmente na frente dela e ela não se importa. Eu fico o mais calma possível porque eu quero terminar lá meus estudos e ir para a universidade.

E: Na tua opinião, seria importante implementar medidas que permitissem um início de ensino secundário mais experimental ou flexível?

e: Eu acho que sim, por conta que, imagina, quando chegamos a um aluno aqui, pelo que eu percebi, de amigos assim, eles se sentem impressionados por conta que vão fazer exame, eles têm que ver com a psicóloga qual é o curso que eles vão fazer e chegam lá, não gostam do curso e vão ter que trocar. Eu acho isso meio que errado, porque já está pressionando já a pessoa, já de nova. Tem que pelo menos dar um espaço para ela falar, “você realmente quer isso?”. Em questão de escolher o curso no décimo, eu vejo isso uma boa oportunidade, porque ficamos no curso, ainda estamos no décimo, temos que, se realmente aquilo que a gente quer, podemos trocar.

Já no décimo primeiro, ter que voltar tudo de novo já é complicado. Mas pessoas do décimo acho que é bem melhor, porque elas podem, então ainda no décimo, ver o que realmente elas querem fazer. “Ah, quero Humanidades, ah, quero Ciências, ah, quero Informática, Multimédia.” Eu acho mais acessível essa parte. A parte da flexibilidade, sim.

E: Ou seja, és mais apologista da flexibilidade do que do método experimental?

e: Eu acho que é melhor dar flexibilidade, porque se estamos no 9º ano, não precisamos dessa coisa de consulta. Mas sim, ver o que a gente realmente quer. Chegamos no 9º ano, fazemos os exames, chegamos lá, escolhemos o curso “Ah, quero esse curso aqui”. Aí temos aquela parte da flexibilidade que “ah, não gostei do curso, vou para esse. Gostei desse, vou ficar nesse”. A parte do experimental serve para isso mesmo, serve para tu, efetivamente experimentares o que é aquela área, tentares obter o máximo de informações possível, ou seja, perceber quais são as saídas profissionais, o que é que é preciso. Tens mesmo noção da dificuldade ou da exigência que aquele curso pode ter.

E: De qualquer das formas, sobre a parte da flexibilidade, achas que isso é uma mais-valia para não limitar os interesses dos alunos?

e: Imagina, se tivesse pelo menos uma escolha de entrar no curso e falar “olha só quero essa disciplina, não tem como trocar essa disciplina?” eu acho que seria bem melhor, porque eu tenho uma amiga que é de artes e ela odeia geometria. Eu já tive geometria, é horrível! E ela preferia ter matemática do que geometria, porque aquilo dali realmente para ela não tem como. Graças a Deus ela passou, eu fico feliz por ela. Pronto, ainda bem. Ou seja, a parte da opcional, sim eu preferia também ter isso, quando eu estava em ciências, eu tirava física e química e botava outra matéria.

E: Quais é que seriam as possíveis formas de implementar essa flexibilidade ou esse período experimental? Digamos que... O que é que achas que a escola poderia fazer para implementar tanto a parte experimental como a parte de flexibilidade? O que é que achas que a escola poderia fazer?

e: Realmente não sei, porque a escola inicialmente dá a oportunidade de a gente escolher.

E: Achas que a opção de escolha aqui no agrupamento foi grande? Achas que as escolhas eram muitas?

e: Poderiam ter mais opções, eu gostaria. Porque agora que eles estão botando mais e eu fico... “Se eu soubesse, teriam voltado de novo para aquela coisa”.

E: E que tipo de atividades ou problemas experimentais gostarias de ver implementados no ensino secundário de forma a ajudar os alunos a tomar decisões mais informadas sobre os seus percursos académicos e profissionais. Ou seja, tu neste caso não tiveste psicóloga. Mas há a questão da orientação vocacional. Para além dos testes psicotécnicos que fazem na psicóloga, achas que era melhor implementar outras coisas que ajudassem os alunos a tomar uma decisão?

e: Eu não lido com psicólogos, então eu prefiro que as pessoas em si pesquisem aquilo que elas querem sem ter consulta com a psicóloga. Chega lá, erra aquelas coisas, sabe? Erra e a pessoa não tem muito o que fazer. Preferia que houvesse não digo palestras, mas mais atividades como workshops ou que convidassem profissionais de diversas áreas ou assim, para termos mais noção sobre as áreas e pensarmos “olha vou para aqui, porque tem isto e tem aquilo”. Às vezes vemos o que temos disponível e ficamos “nossa, só tem isso?” Nem tem uma demonstração do que é que são as coisas.

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!

Entrevistado 3

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o teu curso atual, no final do 9º ano? Não sei se mudaste, se não mudaste.

e: O meu curso no final do 9º ano não foi este, porque eu fiz os testes para saber a área e inicialmente deu-me a Educação ou Cozinha. Eu já estava com a cozinha na cabeça em profissional. Foi uma péssima experiência. Desisti, porque percebi que queria outra coisa e vim para o regular.

E: Tiveste cozinha onde?

e: Em Santarém.

E: E achas que a experiência não correu muito bem? Porquê?

e: Porque eu não trabalho muito bem sobre pressão e por questões físicas e psicológicas.

E: Ok. E é um curso em que exigem bastante?

e: Exigem muito. Psicológico e físico.

E: O que queres dizer com psicológico?

e: É muita pressão, é saber trabalhar com... Tens pessoas que estão acima de ti a irritarem-te para tu fazeres as coisas como deve ser. A própria pressão que eu metia em cima para fazer tudo como deve ser.

E: E vieste para aqui para o regular para que curso?

e: Humanidades. E preciso dos exames das disciplinas porque eu quero seguir o Ensino Superior.

E: E estás no primeiro ano?

e: Sim.

E: Quais foram os fatores mais significativos que influenciaram ambas as decisões?

e: A mudança do profissional para o regular foram os exames que eu ia precisar de fazer. E se eu tivesse continuado em profissional mesmo a fazer os exames... Eu não tenho capacidade para estar a estudar tanto de matéria de dois anos para fazer exames. Mas de um ano para o profissional eu achava que era o que eu queria fazer.

E: Houve alguma influência externa, social, familiar, escolar, amigos?

e: Não.

E: Como te sentiste em relação à tua escolha inicial ao ingressar no ensino secundário?

e: Senti-me bem no início, mas depois fui um bocado ladeira abaixo conforme fui passando.

E: Estiveste lá quanto tempo?

e: Estive só um ano.

E: Houve diferença entre o que esperavas encontrar no curso e o que encontraste, tanto no de cozinha como neste?

e: Sim. Neste regular não porque estava à espera de tudo, sobretudo professores, mesmo as disciplinas. Mas profissional foi um choque muito grande porque foi do 9º ano em que eu fazia só testes, um curso em que só fazia trabalhos e trabalhos e trabalhos, era mais computador do que papel, foi mais isso.

E: E não estavas também à espera de tanta exigência e que te falassem assim?

e: Não estava.

E: Como é que era o ambiente entre ti e os outros alunos?

e: Era bom, estávamos juntos todos muito bem, sobretudo quando tínhamos serviços na cozinha e assim, mas acho que era melhor do que aqui na Azambuja, sinceramente.

E: E foste a única que passou por isso?

e: Não. Mas fui a única que chegou a desistir no final do primeiro ano.

E: E aqui, estavas à espera do horário, da forma dos professores?

e: Estava à espera de tudo. Estava à espera de pior. Está a ser uma experiência boa.

E: Achas que se não tivesses tido a experiência passada, estava a ser na mesma uma experiência boa?

e: Não.

E: Olhando para trás, de que forma avalias agora o processo de escolha do curso realizado na altura?

e: Foi muito mal feito, porque eu acho que os testes não valem nada pois qualquer pessoa pode dizer o que quer para que os resultados sejam o que nós queremos.

E: A orientação vocacional feita pela psicóloga foi suficiente?

e: Não foi das melhores. Acho que podem fazer melhor mesmo no geral do que aquilo que é.

E: De que forma é que essa orientação poderia ter sido mais útil?

e: Acho que trazendo alunos de fora, profissionais e talvez seminários ou atividades desse género sem ser só a psicóloga a explicar e, tipo, explicar melhor as saídas que a gente tem em cada curso que nos apresentam, que é uma coisa que eu senti falta, muito honestamente, porque quem tive que ir à procura fui eu.

E: Achas que a vossa idade tem noção e sabe ir à procura?

e: Depende das pessoas, porque eu normalmente tive às vezes os meus pais e a minha família para ir procurar as saídas que eu ia ter em profissional, só que depois do regular já fui eu mesma sozinha, porque já sou bem desenrascada. Só que há pessoas que não têm tanta facilidade para isso e acho que nesse ponto os psicólogos também devem ajudar.

E: E os pontos fortes desse processo então? Tens alguns?

e: Acho que é sobre tudo a gente escolher os cursos que há para além dos mesmos de sempre e abrimo-nos um bocado ao horizonte de cursos profissionais e coisas assim.

E: Na tua opinião, as escolas mostram efetivamente as mais diversas áreas que existem?

e: Podiam mostrar outras. São sempre as mesmas.

E: Achas que deveria haver um leque maior de áreas nas escolas?

e: Sim, porque as áreas nas escolas são sempre a mesma coisa e eu acho que podiam variar um bocado mais. Tipo, os cursos profissionais variarem um bocado.

E: Como é que descreves a tua experiência geral no ensino secundário até agora?

e: Até agora é boa, é preciso muito esforço e muita vontade de querer um futuro, porque senão, sei lá, se não tivermos vontade para trabalhar, para chegarmos aos nossos objetivos, não saímos do mesmo sítio. Estamos sempre nesta situação e não vamos avançamos na vida.

E: Tens encontrado algum outro problema ao longo do teu percurso académico?

e: Acho que é sobretudo todas as dificuldades nas matérias.

E: Sentes que o currículo é muito exigente?

e: Pede-se muito de uma pessoa de um adolescente no seu secundário. Sobretudo nas disciplinas, portuguesas, maths, história e geografia, no geral, pedem muito das pessoas, sendo que somos adolescentes e a mim sempre disseram “na adolescência aproveita a vida” e, por exemplo, com estudo, com exames e não sei o quê, é complicado aproveitar a vida e chegar onde a gente quer.

E: São muitas horas? Muito trabalho?

e: Sim, Porque fora do trabalho que temos na escola, ainda temos fora da escola para o estudo. A mim mata um bocado a minha fase de adolescente porque eu sei que se eu não estudar eu não vou passar, por isso eu prefiro ficar em casa a estudar, porque eu preciso estudar do que sair. Mas às vezes também quero sair, só que tenho que estudar outra vez.

E: Sentes-te culpada quando vais a algum lado e saber que tens que estudar ou que tens que fazer trabalho?

e: Sim! E sei que não é bom para mim, para a minha cabeça e não vejo a escola a preocupar-se com esse tipo de problemas.

E: Na tua opinião, seria importante implementar medidas que permitissem um início de ensino secundário mais experimental e flexível?

e: Eu acho que sim, porque quando escolhemos um curso, estamos rotulados aquele curso. Como se não tivéssemos nada fora daquele curso. Por exemplo, conheço muitas pessoas que tiraram e gostam de humanidades, mas não gostam de algumas disciplinas e preferiam trocar por outras de um curso diferente porque tem interesse e não conseguem juntar aquilo que querem. Acho que se houvesse mais flexibilidade entre disciplinas ia-nos ajudar imenso.

E: Tendo em conta essas duas opções, como é que poderia beneficiar os alunos? Quais é que seriam as possíveis formas de implementar tanto a parte da flexibilidade como a parte experimental?

e: A parte experimental ia ajudar sobretudo porque iam saber como é que ia ser trabalhar em certas áreas, iam experimentar, iam ter a certeza se era aquilo ou não. E a flexibilidade, eu acho que ia ajudar muito porque as pessoas são muito confusas, porque na maior parte começam, só que depois não é bem aquilo que querem. E depois têm que mudar, mas voltar para o zero. Por exemplo, foi o meu caso. Eu fui para o profissional e não pude deixar de fazer português mesmo se tinha feito um ano de português e era igual. Tive que voltar tudo ao zero. E eu acho que isso é um bocado desnecessário, não sei, não vai trazer nada aos alunos, só dores de cabeça.

E: Então e como é que achas que as escolas podiam implementar isso?

e: Dando mais ouvidos ao que os alunos pedem e dão opinião. Por exemplo, grupos jovens, associações de estudantes, quando os alunos falam com essas pessoas para mudar alguma coisa e a escola diz ok, mas ignoram. Acho que isso podia mudar um bocado.

E: Que tipo de atividades ou programas experimentais gostarias de ver implementados no ensino secundário?

e: Eu acho que, sobretudo, workshops. Não digo palestras, porque é uma seca, mas, sobretudo, workshops onde possamos fazer perguntas, percebermos como são as áreas. Eu acho que assim era muito melhor!

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!

Entrevistado 4

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o curso no final do ano?

e: Eu não escolhi o meu curso.

E: Então, como é que foi o processo?

e: Foram os meus pais que escolheram e a escola. Porque, tipo, eu quero fazer uma faculdade de Psicologia e trabalho como psicóloga. Eu vi que existe curso de Ciências e nos Humanidades tem a ver com isso. E, tipo, eu vi um curso de Psicossocial em Lisboa. Eu falei para os meus pais que eu queria ir para lá. Só que eles não queriam que eu fosse para muito longe e eles queriam que eu fosse para esta escola. Mas eu não queria. Mas tudo bem, eu vim para cá. Aí eu falei para eles me colocar em Ciências. Só que, tipo, quando eu fui descobrir qual curso que eu estava, sendo que eu pedi Ciências, não, eu estava em Artes. E disse que uma psicóloga na minha antiga escola tinha falado que o bom era que eu fosse para a Artes. Então, eu disse que ia escolher.

E: Na tua orientação, ou seja, a orientação que supostamente recebeste, foi transmitido aos teus encarregados de Educação que o melhor era ires para a Artes e os teus pais escolheram tu ires para a Artes e para esta escola. Foi isso?

e: Foi isso.

E: Então, estás em Artes ou mudaste de curso?

e: Estou em Artes ainda. Só não mudei porque a minha mãe disse que eu podia entrar em uma faculdade de Psicologia. Tipo, umas faculdades aceitam que eu podia fazer uma prova de Português. Mas eu acho que não seria muito bom eu continuar em Artes sendo que não tem nada a ver com Psicologia. Então, eu prefiro mudar de curso mesmo.

E: Estás em que ano?

e: Décimo ano.

E: Então, já percebi que os fatores mais significativos foram a orientação e a influência familiar, correto?

e: Tipo, eu queria Ciências, mas eles me puseram em Artes. Falaram que eu tinha que fazer Artes e colocaram-me em Artes. Eu não tive oportunidade de escolher, entendeu?

E: O que é que tu sentiste quando a psicóloga te disse que tinhas que ir para Artes e que os teus pais te puseram em Artes?

e: Como eu me senti quando eu fui para Artes? Algo, tipo... Bom, eu me senti um pouco mal, mas... Tipo, no começo do ano, eu gostei do curso. Só que não era o que eu queria, entendeu? O curso é bom, mas eu não quero isso. Eu não quero trabalhar com isso no futuro.

E: Sentiste que nem sequer te deram a oportunidade de te ouvir?

e: Eles me ouviram. Falaram que eu queria para Ciências, mas eles não ligaram, então...

E: Mas entretanto ficaste a sentir-te melhor com o tempo ou nem por isso?

e: Não. Porque eu perdi o ano, né? Então, fica meio... Eu vou ter que repetir de novo, então fico bastante triste e desmotivada.

E: Houve diferença entre o que esperavas encontrar no curso e o que encontraste? Embora não tenha sido uma escolha tua, o curso correspondeu às tuas expectativas?

e: De todo que não.

E: Eu sei que não tiveste escolha, mas... olhando para trás, como é que tu achas que essa parte...que essa altura da tua vida impactou a pessoa que tu és? Ou seja, como é que avalias o processo de teres que ser obrigada a escolher um curso e limitares-te às opções que a escola tem?

e: Acho que se a pessoa que quer fazer o curso, quer trabalhar numa profissão e quer fazer tal curso para isso, acho que ela tem poder de escolha, não a escola, entendeu? A escola só pode sugerir, mas não pode ter o poder de escolha sobre a aluna.

E: Quais foram os pontos fortes desse processo? Tens alguns?

e: Sobre o curso que eu estou agora, como não têm nada a ver com o que quero fazer não...

E: De que forma é que essa orientação poderia ter sido mais útil, na tua opinião?

e: A psicóloga falou, tipo... Pedir para eu escolher o que eu queria fazer no futuro, hoje. Ela me sugeriu qual curso, porque eu disse que queria estudar em outro lugar, em Lisboa. Meus pais, tipo... Eles não querem que eu vá para longe e também têm medo que eu vá para longe. Nesse tempo para cá, eu fui me cadastrar na escola lá em Lisboa e me ligaram falando que eu podia fazer uma visita e eu queria muito ir. Muito, muito. Só que, tipo, tinha que pegar o comboio e o metro. Eu acho que para mim não é um problema, eu posso fazer isso, só que os meus pais não querem e não aceitam. Têm medo também porque não querem deixar eu sair por aí.

E: Como descreves a tua experiência geral no ensino secundário até agora?

e: Foi difícil. Confesso que de fevereiro para cá, me deixaram um pouco mal e eu fiquei muito, tipo, mais perdida ali. Entendeu? Tirei o foco, praticamente. Então, foi muito difícil. Mas no começo eu estava, tipo, de boa, porque eles não estavam, estavam sendo falsos ainda. Quando eles começaram a se demonstrar mesmo e falar aquelas coisas, eu fiquei mais triste. Então, foi difícil.

E: E sentes-te sozinha?

e: Sim. Me sinto sozinha. Mas eu tenho alguns amigos aqui que eu gosto bastante. Mas as pessoas que eu confiava mesmo me traíram. Então, eu fiquei muito para baixo!

E: Sentiste alguma ajuda da parte de professores?

e: Um pouco. Nas aulas eu também tive parte da culpa, porque quando eu tinha dúvida, eu não tirava. Mas às vezes eu tirava, porque na minha outra escola, quando eu falava assim... Os professores brigavam comigo, porque eu tirei uma dúvida e diziam “você não prestou atenção, você fez isso”... Aí eu decidi vir para cá e fiquei com medo de perguntar.

E: Mas sobre a questão de como te sentes neste curso...conseguiu falar com alguém sobre isso? Com algum professor?

e: Sim. Falei com a minha professora de artes, com o meu professor de história e o professor de filosofia e eles ajudaram. E a professora de educação física. A professora de educação física que me ajudou mesmo. Falando que eu podia procurar outros cursos em outras escolas. Ela me ajudou também.

E: Na tua opinião, achas que seria importante implementar um secundário mais experimental e flexível?

e: Bom, acho bom isso. Acho bom. Ia ajudar-me muito.

E: Que tipo de atividades experimentais gostarias de ver aqui nas escolas de forma a ajudar-vos a tomar decisões mais acertadas?

e: Acho que se fizessem palestras, workshops, explicar as mais diversas áreas, dar conhecimento de muitas áreas seria bom. Gostaria de ver também ex-alunos, ex-profissionais também de várias disciplinas, acho que ia ajudar!

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!

Entrevistado 5

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste o curso no 9º ano?

e: Detalhadamente, eu não sei se eu consigo responder, mas o meu processo, pelo menos o jeito que eu decidi escolher o meu, foi pelo que eu desejava fazer no momento. Depois eu pensei se eu queria levar isso para o futuro, fazer isso para que eu crescesse mais, e acabou que eu acabei escolhendo esse curso por causa disso. Não sei se no futuro eu vou querer trocar de curso, mas por enquanto até estou mais ou menos satisfeito com o curso que eu estou agora.

E: Estás em curso?

e: Artes.

E: Então, quais foram os fatores mais significativos que influenciaram a tua decisão?

e: Para mim, pelo menos foi o que eu queria fazer no momento e se eu ia levar isso para o futuro, se eu ia usar isso para viver e me sustentar com isso no futuro.

E: Houve alguma influência externa, familiares, amigos, escola?

e: Não.

E: Como é que te sentiste em relação à tua escolha inicial?

e: Ao início estava na dúvida mas depois senti-me seguro, até que eu estava contente de ter escolhido o curso.

E: Olhando para trás, como é que avalias o teu processo de escolha? Alguma vez te sentiste seguro, se foi fácil, se foi difícil?

e: Pelo menos para mim foi um pouco complicado de realmente decidir, porque eu estava ainda na dúvida. Era uma coisa que eu queria muito fazer, mas eu ainda estava na dúvida se eu realmente ia levar isso para o meu futuro, então foi um pouco difícil nessa parte.

E: Quais é que foram os pontos fortes do processo de escolha e transição, se tiveres?

e: Eu ia estar de investido fazendo uma coisa que eu gosto de fazer, então isso incentiva você a fazer. Tipo, no começo, você pode ainda estar se adaptando, mas pelo menos você vai estar fazendo uma coisa que você gosta, então o nervosismo e o estresse no começo não vão atrapalhar tanto.

E: Então, e quais é que foram os pontos fracos, se tiveres?

e: Talvez os horários, alguns professores e a inscrição.

E: Tiveste algum apoio ou orientação na escolha do curso?

e: Não muito. Fiz apenas os testes psicotécnicos e a psicóloga sugeriu-me vir para artes.

E: Sobre a orientação vocacional, achas que os testes psicotécnicos são suficientes ou poderiam fazer algo mais?

e: Normalmente acho que isso depende de pessoa, para algumas pessoas pode ser suficiente, para outras não, e se para essas pessoas que são psicólogos não é suficiente, você pode tentar conversar com família, amigos, para você ter uma influência mais, uma base, por exemplo, conversar com alunos que já estão no secundário, para eles te dizerem como é, como está sendo a vida deles no secundário, então acho que se o psicólogo não for o suficiente, você pode falar com sua família, amigos e tentar achar algum outro meio de saber demais do secundário antes de já ir para cima do secundário sem saber de nada e acabar sendo pego de surpresa.

E: Como é que descreves a tua experiência no ensino secundário até agora?

e: No começo a adaptação é complicada, você vai ter que se esforçar bastante agora no começo, vai ter que estudar mais e se esforçar o dobro do que você se esforçava no ano para trás. Então, no começo para se adaptar é difícil.

E: E achas que isso é exaustivo para vocês?

e: De uma forma sim, porque a gente acaba ficando sem tempo para fazer o que a gente gosta realmente, fora da escola, porque a gente tem que estudar, fazer trabalho, atividade e tudo. Então, acaba que a gente fica sem tempo para fazer outras coisas da nossa vida que a gente gosta. Então, sim, no começo é estressante e bastante exaustivo, mas depois eu acho que com o tempo a gente vai se acostumando e se adaptando, vai ficando melhor.

E: Relativamente aos professores, achas que eles ajudam o suficiente?

e: Tem professores que ajudam muito e explicam direito, dão uma boa aula, a gente consegue entender tudo e com isso o resultado tem um bom desempenho nas atividades, trabalhos e testes, mas também tem outros professores que poderiam fazer mais, explicar melhor, se portar mais com os alunos e suas dúvidas para que nós pudéssemos ter um desempenho melhor nas suas aulas.

E: Na tua opinião, achas que seria importante implementares um ensino secundário mais experimental ou flexível?

e: Eu acho que sim, porque se tivesse um secundário experimental, você poderia experimentar o curso, se você não gostar, você troca e assim por diante, você faz isso até encontrar o curso que você gosta, que você realmente pensa que vai levar para o futuro e que você consiga fazer, mas que você consiga se adaptar de uma forma fácil, para que não fique tão exaustivo, mas você ainda consiga ter um bom desempenho. Sobre a flexibilidade também

seria bom, você poder escolher diversas matérias porque aí você não ia ser tão resistente, porque essa é uma matéria que você entende, gosta de aprender e, conseqüentemente, você também ia ter um bom resultado nessas disciplinas.

E: Quais seriam as possíveis formas que a escola poderia implementar, tanto a parte experimental como a flexibilidade?

e: Colocar, tipo, algumas, como eu posso dizer, tipo, algumas aulas experimentais para os cursos, para você realmente saber se você vai gostar, dar a liberdade de escolher mais disciplinas para ver se você vai ficar bem com isso, se você realmente vai gostar, e acho que com isso vai ajudar muito mais na escolha dos alunos, eles não vão ficar tão confusos e tão nervosos ao escolher o curso e vai facilitar muito mais a vida no secundário deles, não vai facilitar tanto assim também, porque o secundário em si é complicado e difícil, mas vai dar uma tranquilidade a mais para o aluno, então acho que seria bom eles fazerem isso.

E: E, por exemplo, workshops, convidar ex alunos ou profissionais das áreas achas vos ajudava a tomar uma decisão?

e: Isso também acho que ajudaria muito e seria uma boa influência para os alunos, dar mais segurança, não iam ter tanto nervosismo, iam ter mais tranquilidade, iam poder escolher o seu curso com muito mais facilidade do que é hoje em dia, que eu acho que ainda tem muitos alunos que não sabem, podem estar acabando no ano agora, mas não têm certeza do que vão querer para o secundário, então acho que se implementassem essas coisas na escola, a escolha deles ia ser muito mais facilitada e acabaria ajudando muito mais alunos a entrar no secundário.

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!

Entrevistado 6

E: Relativamente ao processo de escolha do curso, podes descrever detalhadamente o processo pelo qual escolheste os três cursos, neste caso?

e: Para mim foi difícil. Eu estava numa época em que não sabia bem como é que ia ser a minha vida. E foi uma mudança de repente, não estava à espera, fui primeiro para desporto, não me enquadrei bem, não era aquilo que eu estava à espera. Depois, eu sempre achei que ia para a economia também, também era uma das minhas escolhas, era o desporto e a economia. Só que eu não fui logo para a economia porque eu sabia que era mais difícil, eu podia gostar mais e a parte da matemática também não é muito forte. Então eu fui para a economia, só que pronto, o meu percurso pela matemática também não é muito bom, pronto, não correu bem. Depois fui para o multimédia e é onde eu estou agora e tem-me corrido bem.

E: Estás a gostar?

e: Sim, agora estou no final. Estou em estágio.

E: Houve algum fator de influência nas tuas decisões?

e: Acho que tive sempre um bocadinho de influência nas minhas escolhas. Principalmente em desporto, porque foram muitos colegas da minha turma para o desporto e na altura optei por ir porque eles também iam. Eles queriam mais ir para uma parte do desporto e eu queria mais ir para a outra. E quando eu fui, eu não gostei porque não encontrei lá logo a área que eu queria na parte do desporto. Então, acabei por ficar desanimado e não gostava do que estava a fazer, e decidi mudar.

E: Por alguma influência externa também?

e: Não, eu acho que essa foi mesmo uma ideia minha, só que devia estar mais ciente das minhas capacidades a matemática.

E: E multimédia?

e: Multimédia também. Eu sempre fui bom nas coisas de computador e achei que se eu ia abrir uma opção, não tinha que fazer exame, era mais fácil, não via essas coisas.

E: Mas nunca houve influência familiar nem social na escola?

e: Não, isso não.

E: Como é que te sentiste em relação à tua escolha inicial?

e: Para mim foi complicado. Comecei mesmo a me sentir mal, estava bem perdido, não estava a gostar. Comecei a ficar um bocado desesperado, não sabia o que fazer. Depois, pronto, mudei.

E: E a economia também?

e: Ainda foi pior. Fiquei muito desesperado porque as notas eram más e estava a chumar. Mas consegui-me safar. Em multimédia fiz estudo de seguida e tive sorte.

E: E expectativas em relação aos cursos?

e: Expectativas não tinha muitas. Quer dizer, a desporto tinha.

E: Mas não foram de encontro?

e: Não. Quer dizer, não foi para mim. A parte que eu estava à espera não encontrei. Eu queria mais ir para a parte do ginásio, acho que só falaram nisso neste último ano, e eu não gostei.

E: E quando escolheste ir para o desporto não tinhas essa informação? Não estavas bem informado sobre isso?

e: Não.

E: Sobre economia, era aquilo que esperavas? Estavas à espera que fosse tão exigente?

e: Eu sempre soube que ia ser difícil, não estava à espera que fosse tanto.

E: E em relação a multimédia?

e: Superou as expectativas.

E: Relativamente à avaliação do processo de escolha, olhando para trás, de que forma avalias o teu processo de escolha de curso?

e: Eu acho que não estava assim muito bem informado.

E: Porquê?

e: A escola fez-nos os testes psicotécnicos. Só que isso também não me valia de muito porque eu não tinha experiência nas coisas, não sabia se iria gostar porque nunca experimentei, nunca passei por essas coisas. E nunca fui informado sobre os currículos dos cursos, por isso foi um bocado um tiro no escuro.

E: Mas ainda assim optaste por ir para o desporto..Quais é que foram os pontos fortes desse processo, se tiveste alguns?

e: Aprendi muita coisa. Às vezes quando as coisas não correm bem, aprende-se.

E: E pontos fracos?

e: Perdi muito tempo. Podia ter já entrado em multimédia e se calhar tinha aprendido mais coisas.

E: Já percebi que o tipo de apoio e orientação que sentiste não foi de todo o mais satisfatório. O que é que achas que poderiam ter feito?

e: Há um dia que mostram os cursos e o que é que se faz. Vão a todos os cursos aqui da escola ver como é que se trabalham as áreas e como é que é. No meu tempo não houve nada disso. Eu estava assim meio... Ok, mas quais áreas? Eles vão a ciências, eles explicam, fazem experiências em ciências, humanidades também têm qualquer coisa e sempre é mais engraçado.

E: Como é que foi o processo de orientação?

e: Foi só uma aula. Nós fazíamos cruzinhas e depois dava algum resultado.

E: E achas que isso para ti é suficiente?

e: Não, não foi suficiente.

E: Como é que descreves a tua experiência no ensino secundário até agora?

e: Tem sido boa, tenho aprendido muita coisa. O meu curso, como tem estágios, ajuda-me a ter aprendizagens novas, a passar por coisas que não se passa normalmente, a perceber como é o mundo deo trabalho, o que é bom.

E: E em relação aos professores ou horários?

e: Os horários já é um bocado mais chato, profissional é mais chato. É pesado. Mas pronto, também não se pode ter tudo. Os professores que eu tive são todos bons, são todos simpáticos, se tiver um problema dá para falar com eles. Os colegas também dá para trabalhar em grupo.

E: E tens encontrado alguns problemas ao longo do teu percurso académico?

e: Agora nesta fase final tenho, tenho alguns. Eu estou em estágio, tenho que fazer a PAP, tenho que estudar para os exames, vou ter exames amanhã.

E: Ah, tu optaste por fazer exames?

e: Vou fazer um exame em português. Vou seguir outra coisa, psicologia.

E: Ok. E na tua opinião, achas que era importante implementar um ensino secundário mais experimental ou flexível?

e: Acho que deveria haver umas semanas que se experimentam uns cursos e depois sim, decidir o que se gosta de fazer e escolher. Flexível. Ajudava mais, poder escolher as disciplinas porque pode haver pessoas que gostam de uma coisa, que têm uma área e também querem outra coisa, que só há noutra área e assim dava para juntar várias coisas.

E: Achas que neste caso, a obrigação de escolheres apenas naquela área e aquelas disciplinas podem limitar as competências e os interesses dos alunos?

e: Isso acontece sempre um bocadinho.

E: E achas que também o facto dos alunos serem obrigados a ter disciplinas que também não gostam traz consequências para o seu trajeto académico?

e: Acho que sim, no fundo sim, há sempre aquela disciplina que não se é bom, não se gosta e isso acaba sempre por afetar a nota final.

E: Quais seriam as possíveis formas de implementar tanto a flexibilidade como a parte experimental?

e: Não decidirem os interesses de cada aluno. Acho que o que acaba a ser mais complicado é os professores conciliarem-se com os alunos.

E: O que achas que eles precisam?

e: Acho que também vem um bocado da parte do investimento que o país tem na educação. Não é muito.

E: Achas que a oferta educativa é abrangente? Em termos de opções de escolha, achas que é suficiente?

e: Esta escola não tem assim muita escolha. Já não é fácil sermos obrigados a escolher um curso, muito menos sermos obrigados a escolher um curso onde há pouca oferta. E as condições também não são as melhores. Esta escola não tem as melhores condições.

E: Terminamos a nossa entrevista. Muito obrigada pela tua disponibilidade! Caso desejes, posso enviar-te o meu trabalho, por email, quando estiver terminado!